



Fernando Pessoa

Fernando Pessoa

uma recolha bibliográfica
Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário

Ficha técnica

Seleção local: Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede
2018

Fernando Pessoa Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



Clique nos recursos para aceder aos links

[Arquivo Pessoa](#)

[Um Fernando Pessoa](#)

[Biblioteca Nacional / Fernando Pessoa](#)

Os textos



Cota: 821.134.3-1 PES

Os textos

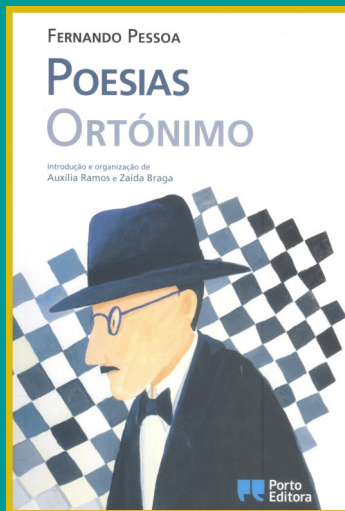
O Infante

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpru-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal! (p. 59)

Pessoa, Fernando. (1997). *Mensagem* (19.ª ed.). Lisboa: Edições Ática.



Cota: 821.134.3-1 PES

Os textos

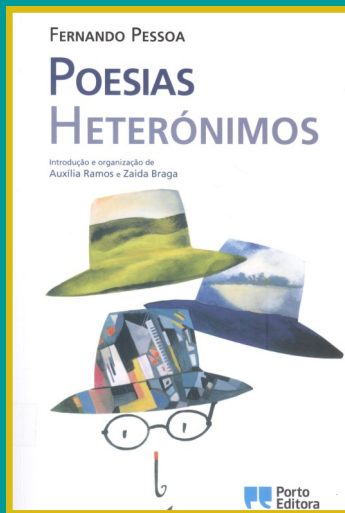
Música... Que sei eu de mim?
Que sei eu de haver ser ou estar?
Música... sei só que sem fim
Quero saber só de sonhar...

Música... Bem no que faz mal
À alma entregar-se a nada...
Mas quero ser animal
Da insuficiência enganada.

Música... Se eu pudesse ter,
Não o penso ou desejo,
Mas o que não pude haver
E que até nem em sonhos vejo,

Se também eu pudesse fruir
Entre as algemas de aqui estar!
Não faz mal. Flui,
Para que eu deixe de pensar! (p. 111)

Pessoa, Fernando. (2010). *Poesias: ortónimo*. Porto: Porto Editora.

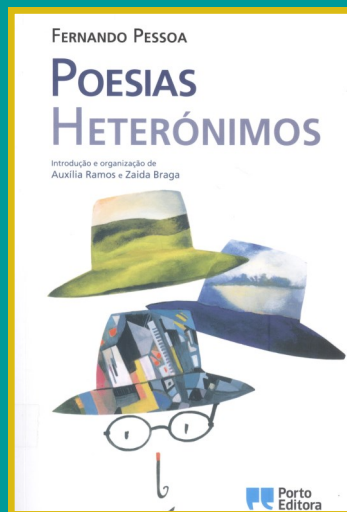


Cota: 821.134.3-1 PES

Os textos

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histeroneurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos meus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher – na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e cousas parecidas – cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia... (p. 19)

Pessoa, Fernando. (2010). *Poesias: heterónimos*. Porto: Porto Editora.



Cota: 821.134.3-1 PES

Alberto Caeiro

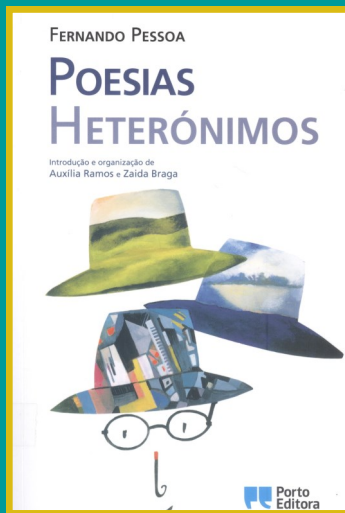
Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.

Veio pela encosta de um monte
Tornando outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso de mais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.
No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores de pedra.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças. (p. 37)

Pessoa, Fernando. (2010). *Poesias: heterónimos*. Porto: Porto Editora.

Os textos



Cota: 821.134.3-1 PES

Ricardo Reis

Não só quem nos odeia ou nos inveja

Nos limita e oprime; quem nos ama

Não menos nos limita.

Que os deuses me concedam que, despido

De afetos, tenha a fria liberdade

Dos píncaros sem nada.

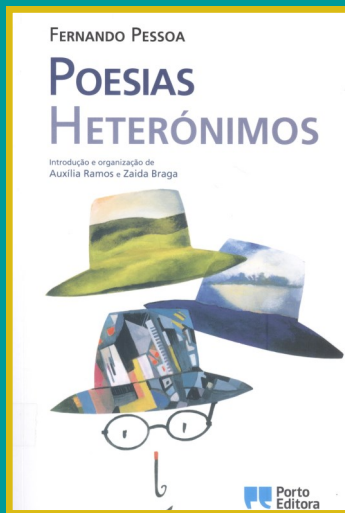
Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada

É livre; quem não tem, e não deseja,

Homem, é igual aos deuses. (p. 82)

Pessoa, Fernando. (2010). *Poesias: heterónimos*. Porto: Porto Editora.

Os textos



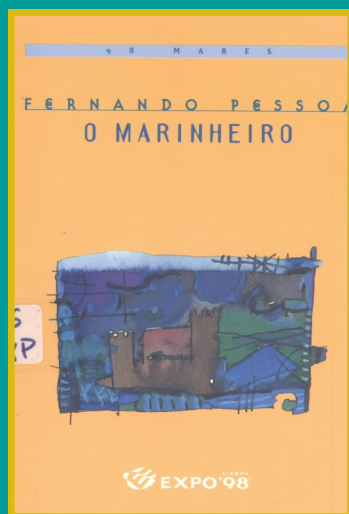
Cota: 821.134.3-1 PES

Álvaro de Campos

Todas as cartas de amor são / Ridículas. / Não seriam cartas de amor se não fossem / Ridículas. / Também escrevi em meu tempo cartas de amor, / Como as outras, / Ridículas. / As cartas de amor, se há amor, / Têm de ser / Ridículas, / Mas, afinal, / Só as criaturas que nunca escreveram / Cartas de amor / É que são / Ridículas. / Quem me dera no tempo em que escrevia / Sem dar por isso / Cartas de amor / Ridículas. / A verdade é que hoje / As minhas memórias / Dessas cartas de amor / É que são / Ridículas. (p. 205)

Pessoa, Fernando. (2010). *Poesias: heterónimos*. Porto: Porto Editora.

Os textos



Cota: 06 EXP

Os textos

Segunda – Todo este país é muito triste... Aquele onde eu vivi outrora era menos triste. Ao entardecer eu afiava, sentado à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe... Muitas vezes eu não fiava; olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tomarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse...

Primeira – Fora daqui, nunca vi o mar. Ali, daquela janela, que é a única de onde o mar se vê, vê-se tão pouco!... O mar de outras terras é belo?

Segunda – Só o mar das outras terras é que é belo. Aquele que nós vemos dá-nos sempre saudade daquele que não veremos nunca...

(uma pausa)

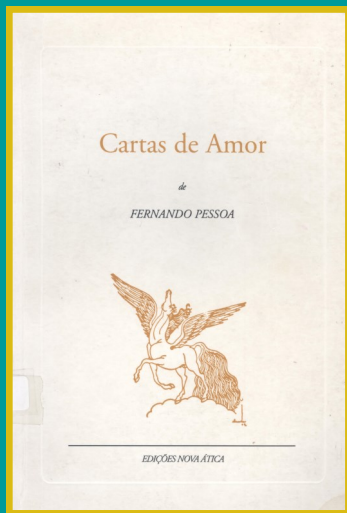
Primeira – Não dizíamos nós que íamos contra o nosso passado?

Segunda – Não, não dizíamos.

Terceira – Por que não haverá relógio neste quarto?

Segunda – Não sei... Mas assim, sem o relógio, tudo é mais afastado e misterioso. A noite pertence a si própria... Quem sabe se nós poderíamos falar assim se soubéssemos a hora que é? (pp. 11-12)

Pessoa, Fernando. (1997). *O marinheiro*. Lisboa: Expo'98.



Cota: 821.134.3-6 PES

Os textos

Não sei escrever cartas grandes. Escrevo tanto por obrigação e por maldição, que chego a ter horror a escrever para qualquer fim útil ou agradável.

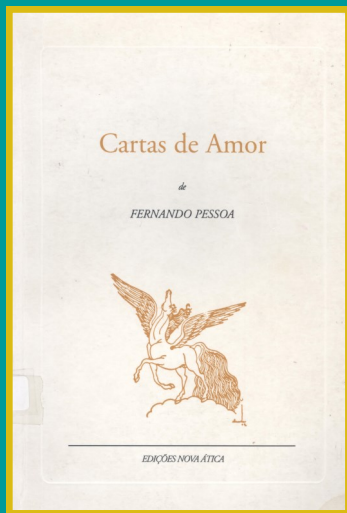
Prefiro fallar, porque, fallar é preciso estrar-se presente – ambos presentes, salvo nesse caso infame do telefone, onde há vozes sem caras.

Se um dia qualquer, por um d'aquelles lapsos em que é sempre agradável cahir de proposito, nos encontrássemos e tomássemos por engano o carro do Lumiar ou do Poço do Bispo (35 minutos), haveria mais tempo para estarmos encontrando-nos ao acaso.

No domingo, ou seja amanhã, telefono-lhe, mas não creio que passe ahi pela Praça do dramaturgo. Não é que não possa, mas é que não acho graça a quarenta e um metros de distancia (da esquina da avenida á janella da sua casa). Confio que posso vel-a e falar-lhe. E se eu lhe telefonasse hoje mesmo? Talvez telefone.

Prompto. Quasi duas paginas de maçada. Mas ainda ganha... A maçada será sua, mas a tristeza fica connigo. Estas palavras são de um individuo, que, aparte ser P pessoa, [sic] se chama preliminarmente Fernando 14/9/1929. (pp. 139-140)

Pessoa, Fernando. (2001). *Cartas de amor*. Lisboa: Edições Ática.



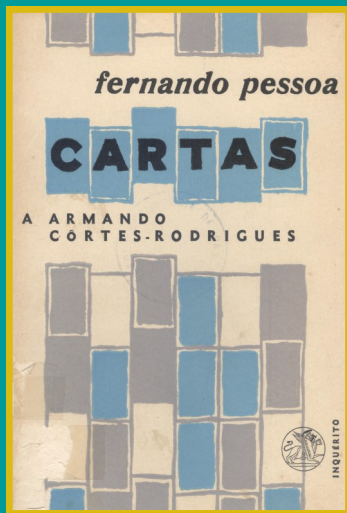
Cota: 821.134.3-6 PES

Requerimento em 30 linhas

Fernando Pessoa, solteiro, maior, abreviado, morador onde Deus é servido conceder-lhe que more, em companhia de diversas aranhas, moscas, mosquitos e outros elementos auxiliares do bom estado das casas e dos sonhos; tendo recebido indicação – aliás apenas telephonica – de que poderá ser tratado como gente a partir de uma data a fixar, e de que o referido tratamento de como se fosse gente seria constituído por, não um beijo, mas a simples promessa d'elle, a ser adiado indefinidamente, e até elle Fernando Pessoa provar que (1) tem 8 mezes de idade, (2) é bonito, (3) existe, (4) agrada á entidade encarregada da distribuição da mercadoria, e (5) não se suicida antes do assumpto, como era sua obrigação natural; requiere, para tranquillidade da pessoa encarregada da distribuição da mercadoria, que lhe seja passado atestado em como (1) não tem 8 mezes de idade, (2) é um estafermo, (3) nem mesmo existe, (4) é desprezado pela... (p. 141)

Pessoa, Fernando. (2001). *Cartas de amor*. Lisboa: Edições Ática.

Os textos



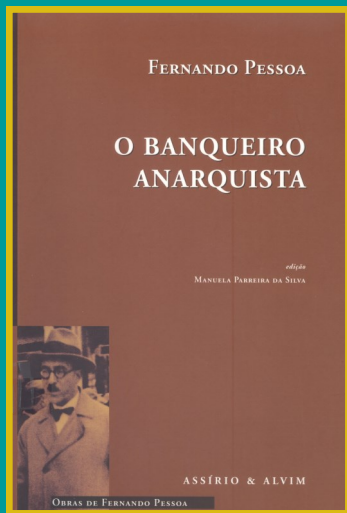
Cota: 821.134.3-6 PES

Os textos

Regresso a mim. Alguns anos andei viajando a colher maneiras-de-sentir. Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade. Oxalá me [não] desvie disto o meu perigoso feitio demasiado multilateral, adaptável a tudo, sempre alheio a si-próprio e sem nexo dentro de si.

Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudonimamente a obra Caeiro-Reis-Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros. O que eu chamo literatura insincera não é aquela análoga à do Alberto Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos (o seu homem, este último, o da poesia sobre a tarde e a noite). Isso é sentido na pessoa do outro; é escrito dramaticamente, mas é sincero (no meu grave sentido da palavra) como é sincero o que diz o Rei Lear, que não é Shakespeare, mas uma criação dele. (p. 75)

Pessoa, Fernando. (s/d). *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues* (2.^a ed.). Lisboa: Editorial.



Cota: 821.134.3-34 PES

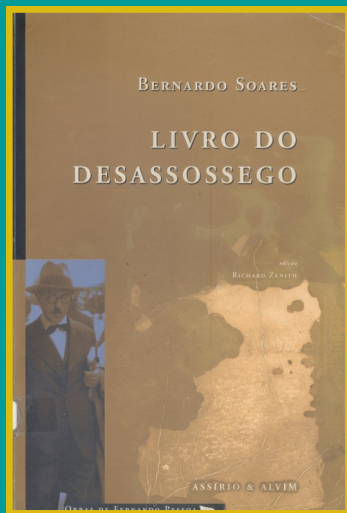
Os textos

«É claro que esta liberdade, que deve haver cuidado em não estorvar, é a liberdade futura e, no presente, a liberdade dos oprimidos pelas ficções sociais. Claro está que não temos que olhar a não estorvar a «liberdade» dos poderosos, dos bem-situados, de todos que representam as ficções sociais e têm vantagens nelas. Essa não é liberdade; é a liberdade de tyrannizar, que é o contrário da liberdade. Essa, pelo contrário, é o que mais devíamos pensar em estorvar e em combater. Parece-me que isto está claro...

- Está claríssimo. Continue...

- Para quem quer o anarquista a liberdade? Para a humanidade inteira. Qual é a maneira de conseguir a liberdade para a humanidade inteira? Destruir por completo todas as ficções sociaia? Já lhe antecipei a explicação, quando, por causa da sua pergunta, discuti os outros sistemas avançados e lhe expliquei como e porque era anarquista... V. lembra-se da minha conclusão?... (pp. 30-31)

Pessoa, Fernando. (2007). *O banqueiro anarquista* (2.^a ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 821.134.3-94 PES

A liberdade é a possibilidade do isolamento. És livre se podes afastar-te dos homens, sem que te obrigue a procurá-los a necessidade do dinheiro, ou a necessidade gregária, ou o amor, ou a glória, ou a curiosidade, que no silêncio e na solidão não podem ter alimento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo. Podes ter todas as grandezas do espírito, todas da alma: és um escravo nobre, ou um servo inteligente: não és livre. E não está contigo a tragédia, porque a tragédia de nasceres assim não é contigo, mas do Destino para si somente. Ai de ti, se, tendo nascido liberto, capaz de te bastares e de te separares, a penúria te força a conviveres. Essa, sim, é a tua tragédia, e a que trazes contigo.

Nascer liberto é a maior grandeza do homem, o que faz o ermitão humilde superior aos reis, e aos deuses mesmo, que se bastam pela força, mas não pelo desprezo dela.

A morte é a libertação porque morrer é não precisar de outrem. (pp. 272-273)

Pessoa, Fernando. (2003). *Livro do desassossego* (4.^a ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.

Os textos



Cota: 8 AFO

Música

Os textos

No combóio descendente
Vinha tudo à gargalhada
Uns por verem rir os outros
E os outros sem ser por nada
No combóio descendente
De queluz á Cruz-quebrada

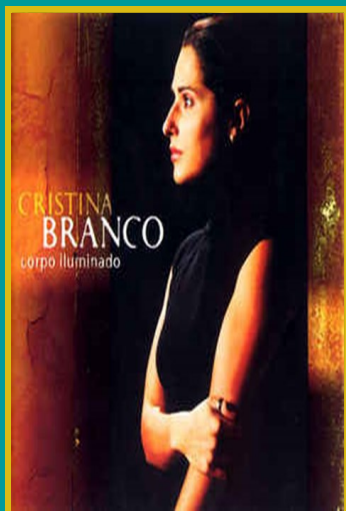
No combóio descendente
Vinham todos à janela
Uns calados para os outros
E os outros sem dar-lhes trela

No combóio descendente
Da Cruz-quebrada a Palmela

No combóio descendente
Mas que grande reinação
Uns dormindo outros com sono
E os outros nem sim nem não

No combóio descendente
De Palmela a Portimão

Afonso, José. (1987). *No combóio descendente in Eu vou ser como a toupeira* [CD].
Lisboa: MoviePlay.



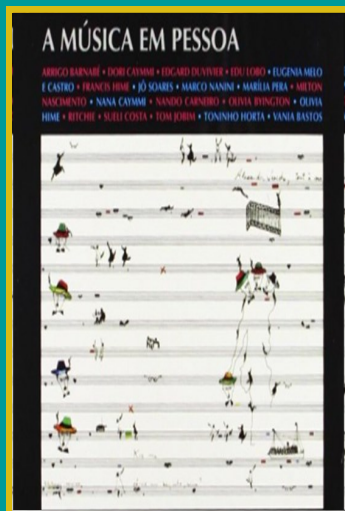
Cota: 8 BRA

Música

Os textos

No fundo do pensamento
Tenho por sono um cantar
Um cantar velado e lento
Sem palavra a falar
Ai, se eu pudesse tornar
Em palavras de dizer
Todos haviam de achar
O que ele está a esconder
Todos haviam de ter
No fundo do pensamento a novidade de haver
Um cantar velado e lento
E cada um desatento
Da vida que tem que achar
Teria o contentamento
De ouvir esse meu cantar

Branco, Cristina. (2001). No fundo do pensamento *in* *Corpo iluminado* [CD]. França: Universal Classics.



Cota: 9 BYI

Música

Os textos

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia,

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

Byington, Elisa & Hime, Olivia. (2002). O rio da minha aldeia in *A música em Pessoa* [CD]. Brasil: Biscoito Fino.



Cota: 8 BRA

Música

Os textos

Tenho dó das estrelas
Luzindo há tanto tempo
Há tanto tempo...
Tenho dó delas.

Não haverá um cansaço
Das coisas,
De todas as coisas,
Como das pernas ou de um abraço?

Um cansaço de existir,
De ser,
Só de ser,
O ser triste brilhar ou sorrir...

Não haverá, enfim,
Para as coisas que são,
Não a morte, mas sim
(Uma) outra espécie de fim,
Ou uma grande razão –
Qualquer coisa assim
Como um perdão?

Branco, José Mário. (2004). Tenho dó das estrelas *in Resistir é vencer* [CD]. Lisboa: EMI

-Valentim de Carvalho.



Cota: 8 MAR

Música

Os textos

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por casas, por prados,
Por quinta e por fonte,
Caminhais aliados.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por penhascos pretos,
Atrás e defronte,
Caminhais secretos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por plainos desertos
Sem ter horizontes,
Caminhais libertos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge[...]

Mariza. (2003). Cavaleiro Monge in *Fado curvo* [CD]. Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho.



Cota: 800 POE

Música

Os textos

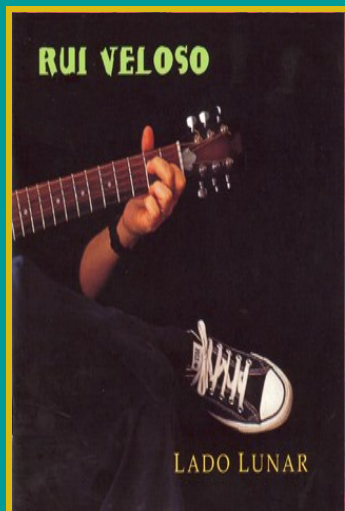
No plaino abandonado
Que a morna brisa aquece,
De balas trespassado
- Duas de lado a lado -
Jáz morto e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços estendidos,
Alvo, louro, exangue,
Fita com olhar langue
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! Que jovem era!
(Agora que idade tem?)
Filho único a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
"O menino da sua mãe".

Caía-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lhe a mãe está inteira
É boa a cigarreira.
Ele é que já não serve. [...]

Fortes, Maria João. (2004). O menino da sua mãe in *Poesia encantada* (vol. 2) [CD].
Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho.



Cota: 8 VEL

Música

Os textos

Fado Pessoano

O fado, já diz Fernando Pessoa
Não é canção má nem boa
Não é alegre nem triste
Não é de Coimbra ou de Lisboa
É um ser estranho, uma pausa
Que a alma portuguesa deu ao mar
Quando tudo deseja
Sem força para desejar

Toda a canção é um poema ajudado
Que diz o que a alma não tem
E a isso não escapa o fado
Porque é um poema ajudado também

O fado é fadiga duma alma forte
É uma espécie de olhar
Que viu o sorriso da morte
Nos brancos espelhos do mar...

Veloso, Rui. (1995). Fado Pessoano in *Lado lunar* [CD]. Lisboa: EMI-Valentim de



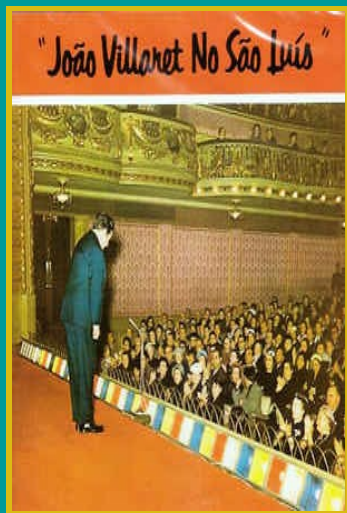
Cota: 610 SOU

Poesia declamada

O mostrengo que está no fim do mar / Na noite de breu ergueu-se a voar; / A roda da nau voou três vezes, / Voou três vezes a chiar, / E disse: «Quem é que ousou entrar / Nas minhas cavernas que não desvendo, / Meus tectos negros do fim do mundo?» / E o homem do leme disse, tremendo: / «El-Rei D. João Segundo!» / «De quem são as velas onde me roço? / De quem as quilhas que vejo e ouço?» / Disse o mostrengo, e rodou três vezes, / Três vezes rodou imundo e grosso. / «Quem vem poder o que só eu posso, / Que moro onde nunca ninguém me visse / E escorro os medos do mar sem fundo?» / E o homem do leme tremeu, e disse: / «El-Rei D. João Segundo!» / Três vezes do leme as mãos ergueu, / Três vezes ao leme as repreendeu, / E disse no fim de tremer três vezes: / «Aqui ao leme sou mais do que eu: / Sou um povo que quer o mar que é teu; / E mais que o mostrengo, que me a alma teme / E roda nas trevas do fim do mundo, / Manda a vontade, que me ata ao leme, / De El-Rei D. João Segundo!»

Sousa, Vitor de. (1995). O Mostrengo *in No palco da poesia* [CD]. Pontinha: Ovação.

Os textos



Cota: 610 VIL

Poesia declamada

Os textos

D. Dinis

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silêncio múrmuro consigo:
É o rumor dos pinhais que, como um trigo
De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
Busca o oceano por achar;
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,
É o som presente desse mar futuro,
É a voz da terra ansiando pelo mar.

Villaret, João. (1991). D. Dinis in *João Villaret no São Luís* [CD]. Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho.



Cota: 610 VIL

Poesia declamada

Os textos

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

Villaret, João. (1991). *Isto in Fernando Pessoa* [CD]. Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho.



Cota: 610 VIL

Poesia declamada

Os textos

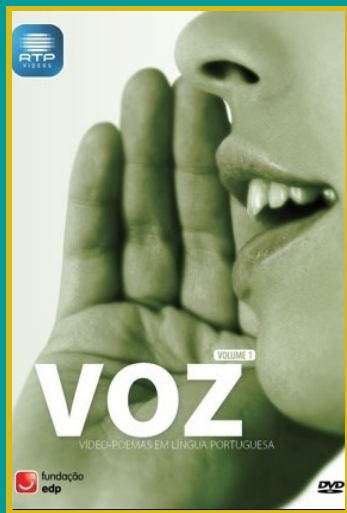
Ó tocadora de harpa, se eu beijasse
Teu gesto, sem beijar as tuas mãos!,
E, beijando-o, descesse pelos desvãos
Do sonho, até que enfim eu o encontrasse

Tornado Puro Gesto, gesto-face
Da medalha sinistra — reis cristãos
Ajoelhando, inimigos e irmãos,
Quando processional o andor passasse!...

Teu gesto que arrepanha e se extasia...
O teu gesto completo, lua fria
Subindo, e em baixo, negros, os juncais...

Caverna em estalactites o teu gesto...
Não poder eu prendê-lo, fazer mais
Que vê-lo e que perdê-lo!... E o sonho é o resto...

Villaret, João. (1991). Ó tocador de harpa *in Procissão* [CD]. Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho.



Cota: 791.229.1 FRE
Vídeo

Atores, músicos e outros intérpretes portugueses e brasileiros ligados às questões da cultura abordam poemas de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Camões, Manuel Alegre, Vinicius de Moraes, Sophia de Melo Breyner, Bocage etc ... de uma forma muito interessante - no vídeo-poema.

Com uma seleção cuidada dos contextos e banda sonora que acompanha a récita dos poemas, «Voz» é um excelente recurso educativo a ter em atenção por professores de Português, Filosofia, História e outros.

Freitas, Ricardo. (2010). *Voz: vídeo-poemas em língua portuguesa [DVD]*. Lisboa: CastelloLopes Multimédia.

Os textos



Clique nos recursos para aceder aos links

[Casa Fernando Pessoa](#)

[RTP Ensina / Fernando Pessoa](#)

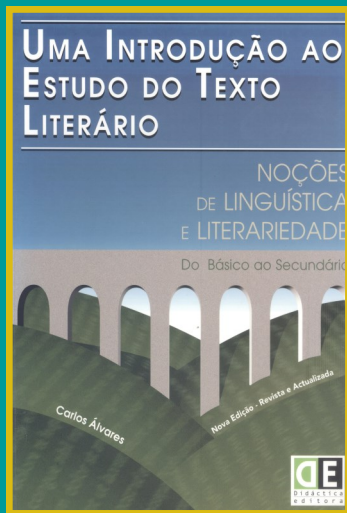
[Portal da Literatura / Fernando Pessoa](#)

[Público / Fernando Pessoa](#)

[Parque dos Poetas / Fernando Pessoa](#)

[Biblioteca Nacional / Fernando Pessoa](#)

Sobre os textos



Cota: 80 ALV

Sobre os textos

Entre os elementos constitutivos de Portugal – o mito, a pré-história e a história -, Ulisses representa o mito.

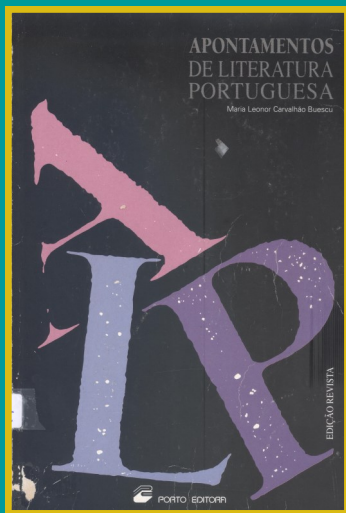
A poesia que descreve este primeiro castelo do brasão de Portugal consta de quinze versos, distribuídos por três quintilhas, sendo os primeiros quatro versos heptassilábicos e o último tetrassilábico, com rima cruzada em ababa.

Note-se, antes de mais nada, o carácter silogístico da poesia. A primeira estância é a premissa maior; a segunda, a premissa menor; e a terceira, a conclusão. Silogismo, portanto, da natureza dedutiva.

Na primeira estância, o poeta define o mito e justifica essa definição por meio de um exemplo. Fá-lo no tempo presente, em virtude da natureza atemporal do princípio. Na segunda, fala concretamente de uma entidade mitológica - Ulisses – relacionada com Portugal. Na terceira, diz do significado desse mito na vida de Portugal, em constante devir. Fá-lo no presente, o tempo por excelência da perpetuidade. (p. 216)

Álvares, Carlos. (2001). *Uma introdução de linguística e literatura*. Lisboa: Didáctica

Editora.



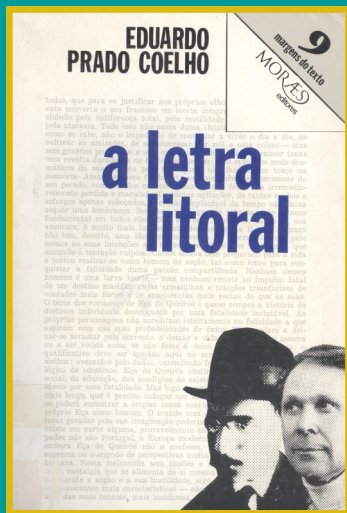
Cota: 80 BUE

Segundo os críticos Roman Jakobson e Luciana Stegagno Picchio, «o nome de Fernando Pessoa tem de ser incluído na lista dos grandes artistas mundiais nascidos no decorrer dos anos 80». Assim, Fernando Pessoa representa não um só poeta mas vários, que transporta para três personalidades imaginárias, distintas, que lhe são complementares e complementares entre si.

A poesia de Fernando Pessoa, ele mesmo ou ortónimo, representa uma conciliação entre a criação poética e a reflexão filosófica, isto é, entre o sensível e o inteligível. As suas vivências radicam-se no mistério da existência, na ânsia de alcançar o absoluto, ultrapassando o aparente, o ilusório, o transitório. Mas a sua poesia, construída e cerebral, não nasce apenas da fria inteligência ou do pensamento discursivo: exprime fundamentalmente a solidão interior, a frustração do desejo, a inquietação perante o enigma de ser, o tédio. (p. 170)

Buescu, Maria Leonor Carvalhão. (1993). *Apontamentos de literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



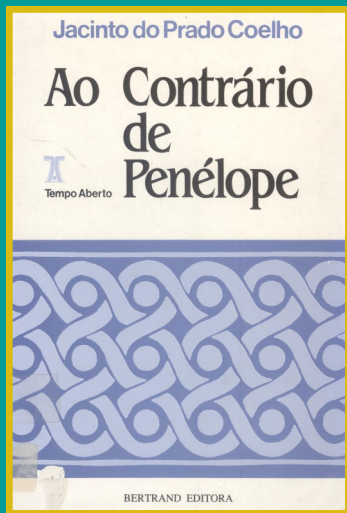
Cota: 80 COE

Sobre os textos

A destruição do sujeito (o texto de Pessoa constitui uma máquina-de-destruição-do-sujeito) não é apenas – não pode ser apenas – um problema de coerência do eu (aspecto psicológico), de uma estratificação do eu em vários planos da sociabilidade (questão de psicologia social), de uma dialéctica sinceridade-fingimento (questão moral); tem de ser algo de mais radical (uma aventura ontológica, no dizer de Eduardo Lourenço) que anula o sujeito, com a pluralização da própria ideia de centralidade – porque é nesse existir de um centro, de um lugar-centro, vago ou ocupado, real ou imaginário, preciso ou desfocado, que o idealismo se aloja.

A questão do centro configura-se em Pessoa em torno da imagem do Sol e da ideia de deus. A relação privilegiada é a que se estabelece entre o Sol e o Mar: o Mar representa a extensão ilimitada, a imensidade sem centro; o Sol, polarizando o espaço marítimo, é a origem, o centro, o postulado da teologia – o logocentrismo é um gesto à maneira de girassol. (p. 114)

Coelho, Eduardo Prado. (1979). *A letra litoral*. Lisboa: Moraes Editores.



Cota: 80 COE

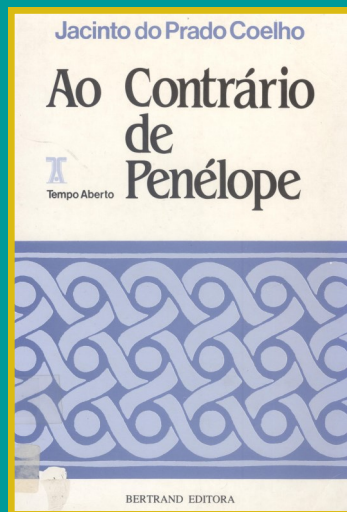
Sobre os textos

Rousseau e Fernando Pessoa são personalidades, mundos mentais afastados. Aparentemente, nenhum ponto comum os liga. Entretanto, como expoente da modernidade, o autor múltiplo algo deverá ao iniciador. Do cansaço à razão, da rebelião contra as normas sociais à dispersão, à fragmentação psíquica, ao culto da incoerência, a estados em que o eu se atenua e se dilui na circunstância – vai um caminho seguido. Também no «Cancioneiro» ortónimo de Pessoa se fala no prazer subtil duma semi-inconsciência de *rêverie* na contemplação da paisagem:

Contemplo o lago mudo
Que uma brisa estremece.
Não sei se penso em tudo
Ou se tudo me esquece.

Como na quinta «Promenade» de Rousseau, temos aqui o lago, o embalo da água, a fluidez da água a traduzir a deliciosa fluidez da alma, apenas afluída por vagos pensamentos, vagas emoções que a paisagem da brisa simboliza. Uma leitura recente da *Rêveries* provoca aproximações textuais: «Decerto», notava Rousseau, «o repouso é menor, mas também mais agradável, quando leves e doces ideias, sem agitarem o fundo da alma, apenas por assim dizer lhe afloram a superfície». (pp. 250-251)

Coelho, Eduardo Prado. (1976). *Ao contrário de Penélope*. Lisboa: Bertrand Editora.

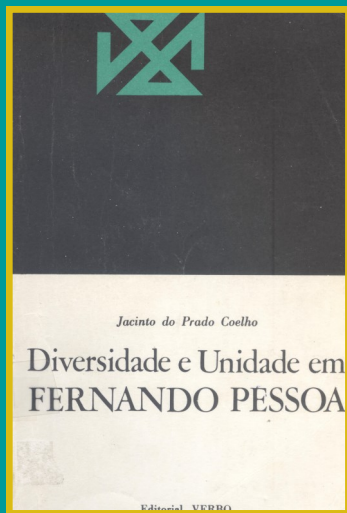


Cota: 80 COE

Então o espírito busca fugir a esse medo, e loucura ganha um novo sentido, oposto ao anterior: agora é inconsciência, fuga à dor insuportável de ser consciente: «deixai-me viver sem saber nada, / E morrer sem ir saber nada!», exclama Álvaro de Campos. [...] Evadindo-se à loucura do conhecimento, o Fausto busca a «ilusão» do heroísmo, do «sonho», em versos cujo tom é já o da *Mensagem*: «A sonhar eu venci mundos,/ Minha vida um sonho foi. [...] / A Ilusão é mãe da vida. / Fui doido, e tudo por Deus. / Só a loucura incompreendida / Vai avante para os céus.» Felicidade e grandeza convergem agora na loucura: «Só a loucura é que é grande / E só ela é que é feliz». [...] Desta máscara do Fausto ao D. Sebastião da *Mensagem* a distância, a bem dizer, é imperceptível: «Louco, sim, louco, porque quis grandeza / Qual a Sorte a não dá. [...] Sem a loucura que é o homem / Mais que a besta sadia, / Cadáver adiado que procria?» A loucura tomou sinal positivo, porquanto, na sua forma heróica, embeleza e dá uma aparência de sentido à vida. (p. 258)

Coelho, Eduardo Prado. (1976). *Ao contrário de Penélope*. Lisboa: Bertrand Editora.

Sobre os textos



Cota: 80 COE

Sobre os textos

Do ponto de vista da expressão, Caeiro e Álvaro de Campos têm vários traços comuns, do mesmo modo que o estilo de Reis se aparenta com o da *Mensagem*. Tanto Álvaro de Campos como o seu mestre são versilibristas, independentes, rasgadamente inovadores, sem qualquer escrúpulo em transpor as fronteiras tradicionais entre prosa e poesia. Ambos empregam uma linguagem bastante próxima do falar quotidiano, quer pela natureza do vocabulário quer pelo desenho das frases; ambos misturam termos cultos abstractos de matiz psicológico ou metafísico com palavras de conteúdo trivial, familiar, e primam nas associações imprevistas da realidade moral com a realidade concreta corriqueira; ambos dão livre curso ao pensamento, interrogando retoricamente, exclamando, recorrendo a giros sintácticos que imprimem vivacidade e ênfase persuasiva à linguagem:

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver... (Caeiro, p. 50)

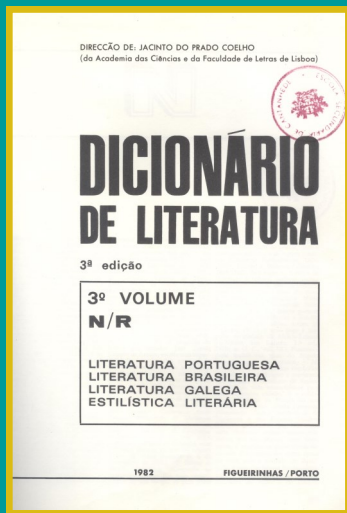
Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos... (ibidem, p.61)

Sim, e o que tenho eu sido, ó meu subjectivo universo... (Campos, p. 223)

Sim, passava aqui frequentemente há vinte anos... (ibidem, p. 291).

(pp. 123-124)

Coelho, Jacinto Prado. (1990). *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo.



Cota: 80(038) COE

Retraído, com vocação para viver isolado, sem compromissos, sempre disponível para as aventuras do espírito, trabalha, desde 1908 até à sua morte, como correspondente comercial de várias firmas. Subtil conversador de café, parece inepto para a vida sentimental; apenas se lhe conhece o namoro burguês de poucos meses com uma dactilógrafa. Frui a existência obscura que escolheu, por quadrar o seu feitio. Uma vez (em 1931) define-se como «hístico-neurasténico com a predominância do elemento hístico na emoção e do elemento neurasténico na inteligência e na vontade (minuciosidade de uma, tibieza de outra)». Com efeito, extremamente lúcido (é o poeta português que mais se aproxima de Valéry), mentaliza as emoções e, por inteiro votado à literatura, a ela reduz os seus pretensos ataques de histeria.

Desde os treze anos escreve poesia em inglês; mas é como ensaísta que primeiro se revela, ao publicar, em 1912, na revista *A Águia* uma série de artigos sobre «a nova poesia portuguesa, animados de optimismo messiânico... (pp. 818-819)

Coelho, Jacinto Prado. (1982). *Dicionário de literatura* (3.ª ed.). Porto: Figueirinhas.

Sobre os textos



Cota: 80 FAC

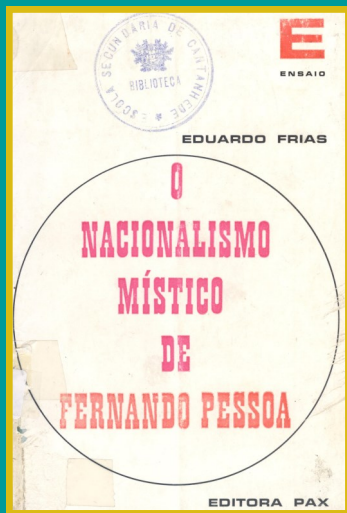
Dos heterónimos de Fernando Pessoa, é Ricardo Reis o que tem recebido menor atenção e maior incompreensão da crítica. Nem admira que assim seja. Ele decanta nas suas *Odes* toda uma tradição cultural riquíssima, que lhe fora instilada pela sua escolaridade britânica e completada com muitas leituras e meditações, de que apontamentos inúmeros vindos da sua arca vão dando testemunho renovado. Assim, os seus poemas resultam de um diálogo interior entre o passado e o presente, expresso numa forma a que arcaísmos lexicais, latinismos e até helenismos, uma sintaxe latinizante, com uso repetido do hipérbaton e da elipse e outras figuras de estilo, deram um distanciamento voluntário que os torna de mais difícil apreensão ao leitor moderno.

Todas estas características, emolduradas por um rígido esquema métrico, convergiram para criar uma aparência de frieza, de artificial e improdutivo retorno ao passado. (p. 49)

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. (1986). *Circum-navegando Fernando Pessoa*.

Coimbra: Faculdade de Letras.

Sobre os textos



Cota: 80 FRI

Sobre os textos

É neste sentido que efectivou a sua *Mensagem*, porque ela foi revelada para produzir efeitos.

Qual a finalidade do poeta?

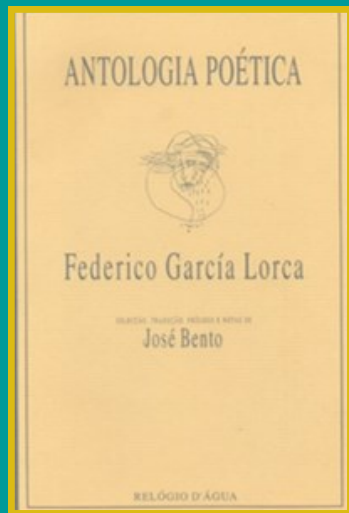
A simples análise dos termos, que o Poeta sabia empregar na mais rigorosa acepção, dá-nos a chave que permite penetrar no essencial da sua obra, no que ela pode parecer velada ou obscura.

O místico tem por supremo e único objectivo da existência a comunhão espiritual com o Divino ou, noutra linguagem de mais directa compreensão, a comunicação com os fins superiores que regem todas as coisas.

É através dessa comunhão que se realiza a manifestação desses princípios.

A aplicação do conceito «místico» ao de «Nação Portuguesa» deverá ser entendida, sem interpretações forçadas, como a comunhão dos Portugueses, por via espiritual, com o que pode chamar-se a essência divina da Pátria Portuguesa, ou sejam aqueles princípios superiores que determinam a sua criação, que presidem à sua continuidade e inspiram aquelas acções que são a maravilha da sua história. (pp. 85-86)

Frias, Eduardo. (1971). *O nacionalismo místico de Fernando Pessoa*. Braga: Editora Pax.



Cota: 821-82 GAR

Sobre os textos

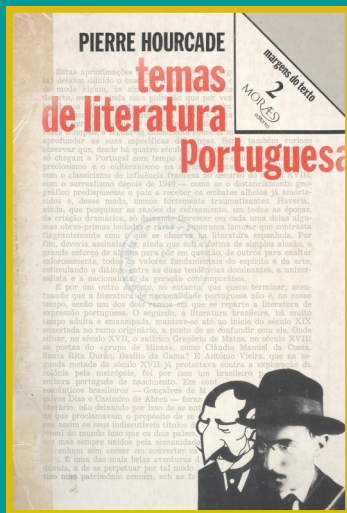
O meu amor foi ao mar,
Contar ondas e pedrinhas,
Mas, de súbito, encontrou-se
Com o rio de Sevilha.

Entre aloendros e sinos
Cinco barcos se mexiam,
Os remos dentro de água
E as velas entre a brisa.

Quem olha dentro da torre
Ajaezada, de Sevilha?
Cinco vozes respondiam
Redondas como sortilhas.

O céu elegante monta,
De uma margem à outra, o rio.
No espaço enrubescido
Uns cinco anéis se mexiam. (p. 39)

García Lorca, Federico (1993). *Antologia poética*. Lisboa: Relógio d'Água.



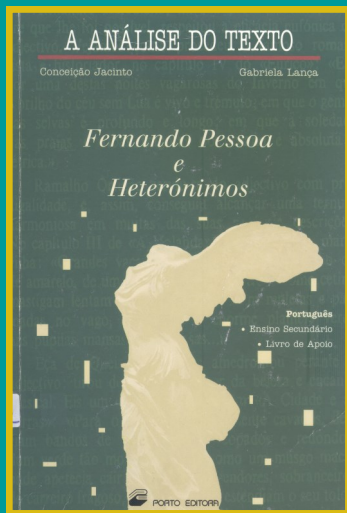
Cota: 80 HOU

Na aparência, pelo menos, Fernando Pessoa é alheio à tradição lírica da sua raça. Pode mesmo desconcertar, à primeira vista, porque o rosto que apresenta ao curioso apressado ou ávido de confidências é apenas composto de artifícios e parece desvendar somente uma virtuosidade sem alma. Nunca procura seduzir, nunca se entrega. Entre as numerosas obras heterónimas em que dissimulou a comunidade de origem sob quatro ou cinco nomes diferentes, as que assinou com o seu verdadeiro nome não se apresentam como revelações nem mais nem menos directas do que as demais. Na verdade, nada nele é estranho ao humano – mas o paradoxo da sua complexa natureza é o de não ser quase nunca artificial, nunca sendo inteiramente ele próprio.

Tendo partido, como confessa, de um simbolismo ainda muito sobrecarregado de preocupações teóricas e verbais, Fernando Pessoa não tem cessado de procurar realizar-se poeticamente através de vários tipo de personalidades, mas com base numa personalidade original de que tomou consciência por volta de 1914: Alberto Caeiro. (pp. 129-130)

Hourcade, Pierre. (1978). *Temas de literatura portuguesa*. Lisboa: Moraes Editores.

Sobre os textos



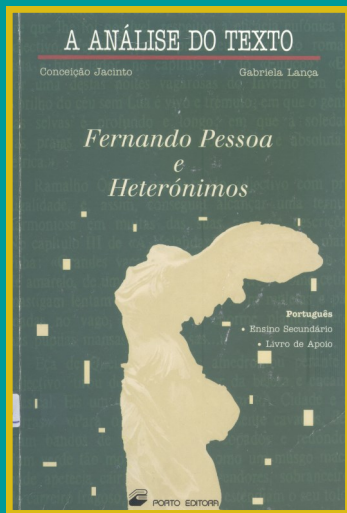
Cota: 80 JAC

O Fernando, em geral, era muito alegre. Ria como uma criança, e achava muita graça às coisas. Dizia, por exemplo, “ouvistaste?” em vez de “ouviste”. Quando saía para ir engraxar os sapatos, dizia-me “-Eu já venho, vou lavar os pés por fora”. Um dia mandou-me um bilhetezinho assim: “O meu amor é pequenino, tem calcinhas cor-de-rosa”. Eu li aquilo, e fiquei indignada. Quando saímos, disse-lhe zangada: “Ó Fernando, como sabe que eu tenho calcinhas cor-de-rosa ou não, você nunca viu...” (tanto nos tratávamos por tu como por você). E ele respondeu-me a rir: “Não te zangues, Bebê, é que todas as Bebés pequeninas tem calcinhas cor-de-rosa...”

(...) Vivia muito isolado, como se sabe. Muitas vezes não tinha quem o tratasse, e queixava-se-me. Estava realmente muito apaixonado por mim, posso dizê-lo, e tinha uma necessidade enorme da minha companhia, da minha presença. Dizia-me numa carta, “... não imaginas as saudades que de ti sinto nestas ocasiões de doença, de abatimento e de tristeza...”. E mostra-o bem, nesta quadra que me fez... (p. 21)

Jacinto, Conceição, Lança, Gabriela. (1999). *A análise do texto: Fernando Pessoa*. Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



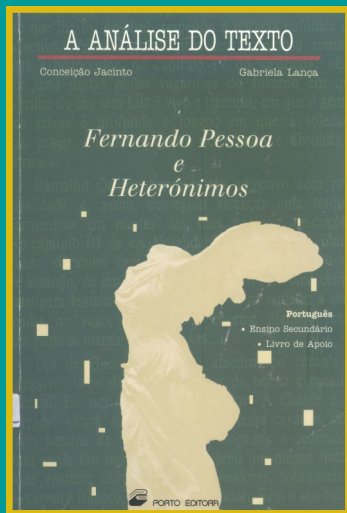
Cota: 80 JAC

Pensamos que Fernando Pessoa encontrou na criação dos seus heterónimos a forma de expandir o modo como entendia as coisas – elas significavam a diferença, a negação da Unidade e da Verdade absoluta, enraizadas na nossa tradição cultural. É isso que o leva a afirmar que:

“Cada objecto é real na proporção em que pode ser observado em diferenças grandes por o maior número possível de pessoas”
O fenómeno da despersonalização significa uma fuga à concepção romântica da produção artística, segundo a qual o criador impregna a obra produzida da sua subjectividade. Para Pessoa, o objecto artístico não reflecte a realidade do criador no plano das emoções – é esse o sentido dos versos do famoso poema intitulado “Autopsicografia”: “O poeta é um fingidor”, pois o acto da escrita pressupõe um processo de intelectualização da emoção que é necessariamente filtrada pela própria escolha que o poeta faz das palavras e da organização destas, no poema. (p. 43)

Jacinto, Conceição, Lança, Gabriela. (1999). *A análise do texto: Fernando Pessoa*. Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



Cota: 80 JAC

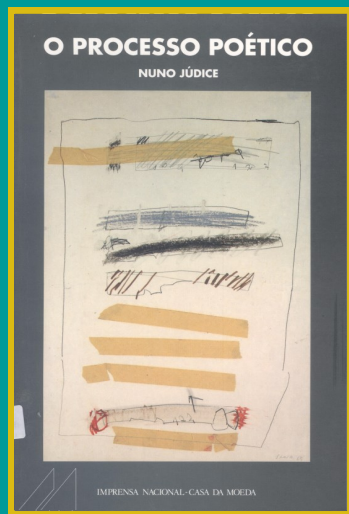
Única obra publicada ainda em vida, *Mensagem* é, talvez, o hino polifónico a quatro vozes que Fernando Pessoa levou às gerações vindouras. Polifonia constante ao longo da vida (curta, aliás!), este coro teve, no entanto, um solista que, com uma voz pura e límpida, marcava a harmonia das outras vozes. Alberto Caeiro foi, sem dúvida, o grande solo a que se subordinam todos os outros. Tenor por excelência, tinha o seu barítono em Álvaro de Campos que, cantarolava, marcando o compasso.

Ricardo Reis era o baixo, o cantor que, compassadamente, marcava a harmonia uma oitava abaixo de Álvaro de Campos, funcionando como a base vocálica do trio. O ritmo, ah!... O ritmo era determinado pelo maior compositor polifónico que alguma vez existiu na sinfonia do verbo..... Fernando Pessoa!!!

Mensagem não é apenas um livro que, apologeticamente, apela ao conceito do mito sebastianista; ele está muito para além disso. (p. 65)

Jacinto, Conceição, Lança, Gabriela. (1999). *A análise do texto: Fernando Pessoa*. Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



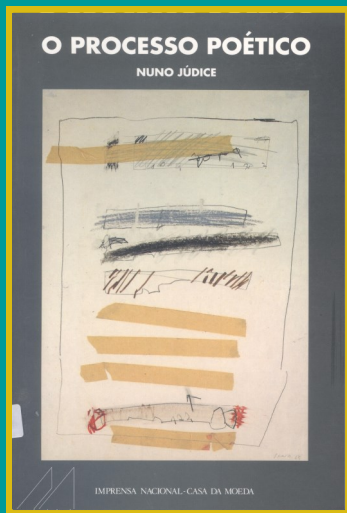
Cota: 80 JUD

Assim, a teoria será remetida para o discurso do outro-Campos, assumindo-se no lugar da ficção que não implica o eu-Pessoa, que dela se poderá distanciar; e, deixando envolver-se no lugar suspeito dessa ficcionalidade, facilitará o processo a que Eduardo Lourenço chamou de «contra-revolução do Modernismo», mais lato do que o movimento presencista que Lourenço designa, indo até ao neo-realismo e, até, ao surrealismo dos anos 50, sempre conotados com a restauração mítica do lugar do sujeito como centro, real e existencial, da criação poética.

A rejeição total do antiaristotelismo pessoano, da arte baseada na singularidade do fenómeno poético e da universidade do sentimento particular do poema, vão desembocar no retorno da identificação leitor-texto, da simbiose romântica dos sentimentos, anulando o processo complexo do desdobramento e da multiplicação das superfícies semânticas que, em Pessoa, são dados pela ficção heteronímica que as recobre alegoricamente. (pp. 107-108)

Júdice, Nuno. (1992). *O processo poético*. Viseu: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sobre os textos

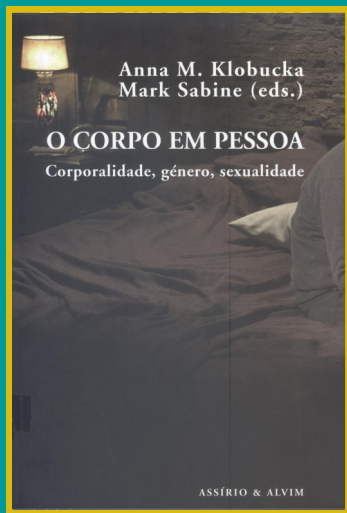


Cota: 80 JUD

A leitura do Livro do Desassossego coloca-nos perante a definição de uma ambiguidade narcisista por parte do narrador, correspondente a um jogo de focagem e desfocagem do eu no qual Pessoa e Soares, mais do que alternarem, se sobrepõem e apagam um ao outro. A construção (auto) biográfica do personagem remete-nos para a formação do eu infantil – o «estádio do espelho» lacaniano no qual o espelho revela a imagem do corpo como uma totalidade, produzindo uma relação feliz do eu com o mundo. Ora, em Bernardo Soares assistimos à perversão neurótica desse processo através da impossibilidade de assumir uma imagem física do eu no espelho do texto. Referindo-se aos sonhos, diz Soares: «eu via-me nos lagos deles como um Narciso cego»; e a própria caracterização da atitude narcisista surge antinatural: «O homem não deve poder ver a sua própria cara. Isso é o que há de mais terrível. A natureza deu-lhe o dom de não a poder ver, assim como de não poder fitar os seus próprios olhos. [...] O criador do espelho envenenou a alma humana.» (p. 110)

Júdice, Nuno. (1992). *O processo poético*. Viseu: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sobre os textos



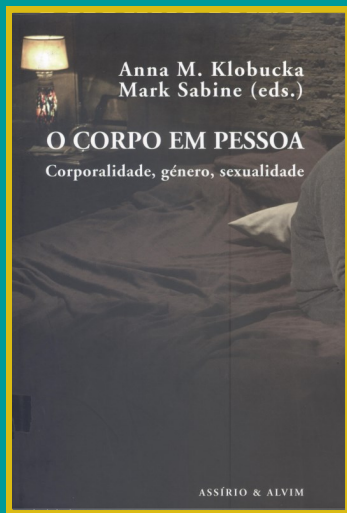
Cota: 80 KLO

Olhando para alguns dos textos-chave dos heterónimos acerca de brinquedos, bonecos e amigos imaginários, a par de uma amostragem das suas discussões em torno da questão do género literário, espero mostrar o modo como Pessoa formula o fingimento como uma nova espécie de super-género, capaz de abranger todos os outros.

Não sendo o trabalho heteronímico uma «representação [play], no sentido de uma produção teatral encenável – género com o qual Pessoa manteve uma relação ambivalente durante toda a vida de escrita – poderemos de certo imaginá-lo como representação num sentido mais lato: quer no que diz respeito à flexibilidade e «elasticidade» exigidas pelo movimento para a heteronímia, quer simplesmente como reacção e faz de conta, «a actividade espontânea das crianças» (Webster's Ninth Collegiate Dictionary). O único trabalho genuíno do poeta é, claramente, para Pessoa, o de entrar nesse jogo, o de permanecer no lugar em que alguma coisa emerge a partir do nada. (p. 51)

Klobucka, Anna M., Sabine, Mark. (2010). *O corpo em Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Sobre os textos



Cota: 80 KLO

A virtude do *Livro do Desassossego* consiste na inexorável atenção concedida àquilo que, num acto de tematização, é constitutivamente excluído pela atenção. A força da linguagem não pode ser tematizada. As frases descaradamente oximóricas, tautológicas e autocontraditórias de Soares são uma forma de neutralizar a auto-evidência da significação, de modo a libertar um poder emocional – um poder do corpo, transmitido todavia pela escrita. Apenas deste modo poderemos «sentir» aquilo que a significação descarta no próprio acto de significar: nas palavras de Emily Dickinson, a «diferença interna / Onde os Significados residem», a qual não é nem a diferença entre significante e significado, nem o «sistema de diferenças» saussuriano entre significantes, mas antes a diferença ontológica entre a significação como representação e a força que subjaz a toda a significação (o seu passar a existir, a sua jouissance). (p. 89)

Klobucka, Anna M., Sabine, Mark. (2010). *O corpo em Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Sobre os textos

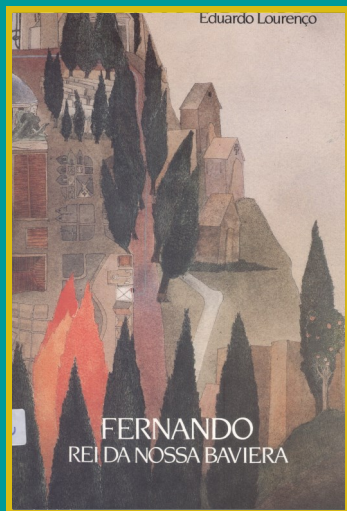


Cota: 80 LOP

Sobre os textos

De facto, o conjunto da sua obra realizada assenta nitidamente numa série de reações intuitivas que, desconexas nos pontos de partida, tendem contudo para uma superior estrutura. O grande problema interpretativo e judicativo consiste, pois, em determinar os traços fundamentais e efectivamente consumados dessa estrutura superior; e isso equivale a evidenciar, na objectividade mais palpável do seu estilo, o mais belo sentido detectável das suas criações. O próprio poeta nos aponta este método, em vários textos onde sublinha o carácter essencialmente dramático da sua obra, preconiza a multiplicação das personalidades de um mesmo poeta ou estabelece uma jerarquia de valores poéticos cujo critério de valor seria a do seu grau de despersonalização seguida de multipersonalização dramática. Assim, a pp. 95 do vol. de Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, num esboço de prefácio para a edição conjunta das suas obras, declara-se: «O certo, porém, é que o autor destas linhas – não sei bem se o autor destes livros – nunca teve uma personalidade, nem pensou nunca, nem mentiu, senão dramaticamente, isto é, numa pessoa, ou personalidade, suposta, que mais propriamente do que ele próprio pudesse ter esses sentimentos.» (p. 476)

Lopes, Óscar. (1987). *Entre Fialho e Nemésio*. Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

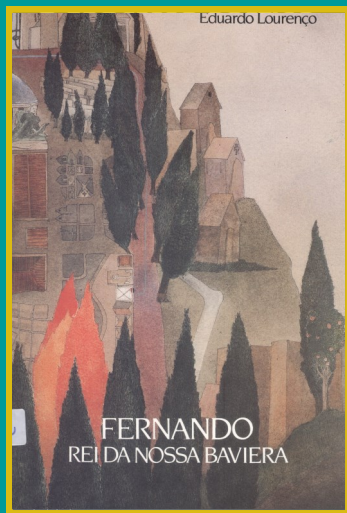


Cota: 80 LOU

Sobre os textos

Mito, vida que não passa na vida que passa – e toda passa -, lenda a escorrer da realidade. Foi para Ulisses, incarnação da primeira viagem iniciática da nossa alma futuramente grega, como ele a sonhava, que o autor de *Mensagem* compôs os versos famosos. Não menos mágica é, para nós, a aventura daquela que era, por fora e para os outros, Fernando Pessoa e que por dentro não tinha nome próprio, como todos nós. Só que ele o sabia e nós menos do que ele. Como Ulisses, sem para si existir nos bastou. Por não ter sido foi vindo e nos criou, tais que já não podemos contemplar o céu da nossa cultura sem o ver a ele no centro, convertido em «mito brilhante e mudo», irradiando a sua luz enigmática. Há cinquenta anos essa mesma luz era invisível ou obscura. Hoje é mais visível e, aparentemente, clara. Se há enigma é o da sua universal claridade. Por detrás dela não é difícil o sorriso de Pessoa, gozando a sós, como escreveu, «a ironia de o não estranharem». (pp. 9-10)

Lourenço, Eduardo. (1993). *Fernando rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

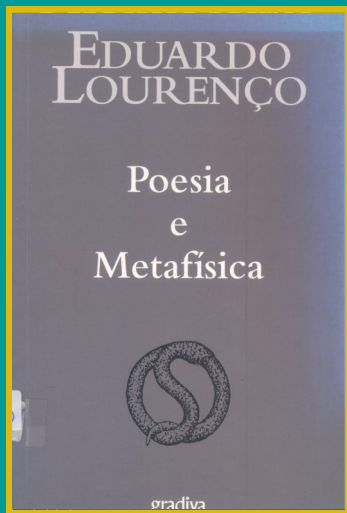


Cota: 80 LOU

Quarenta anos após o afloramento maciço da sua poesia, uma espécie de não-livro ou livro impossível vem coroar, um pouco à força, o itinerário daquele que se quis, por excelência, o nosso viajante sem bagagem nem caminho. Em boa hora os responsáveis pela existência literária de «O Livro do Desassossego» no-lo ofereceram. Não que a já conhecida textualidade pessoana tenha esgotado o encanto e o mistério que lhe são consubstanciais. Mas os teólogos pessoanos, que todos nós somos um pouco, começavam a moer a mesma farinha e a percorrer, talvez com excessiva confiança, as veredas imbalizáveis de uma aventura culturalmente terminada. Parecia ter chegado o tempo de aprender mais (sobre) quem se ocupa com Pessoa que sobre o próprio Pessoa, o que sem ser escandaloso – até porque é também inevitável – remetia (remete) o texto para o pretexto, a voz que nos interpela e convoca para o discurso que a devora e apaga. (pp. 83-84)

Lourenço, Eduardo. (1993). Fernando rei da nossa Baviera. Lisboa: INCM.

Sobre os textos

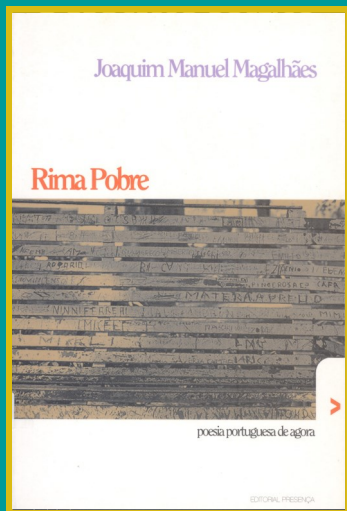


Cota: 80 LOU

Este Eros de todo falta, não só em *Mensagem* como na obra inteira de Fernando Pessoa. O Deus tão aparentemente activo de *Mensagem* («Deus quer, o homem sonha, a obra nasce») é sempre o Inconsciente da tradição de Hartmann e Antero, quando não o Abismo dos gnósticos, emblema de uma Ausência radical, «aquele a quem a verdade morreu», «Adão supremo que como nós teve Queda». Se o movimento mais fundo dos epos camoniano é o de uma aspiração positiva para um absoluto, última metamorfose do Amor e seu reino sem fim, o do «epos» imaginário de Pessoa procede de um Enigma original e final, apenas consentâneo com o eterno diferimento de um Desejo sem outro objecto que não seja a ausência de Desejo. Como, no limite, essa mesma «ausência» é inexequível, toda a pulsão positiva inerente ao Desejo é transferida por Pessoa para o plano da criação poética, único lugar de heroicidade moderna, fáustica ou malharmiana, a da luta do espírito consigo mesmo. (pp. 251-252)

Lourenço, Eduardo. (2002). *Poesia e metafísica*. Lisboa: Gradiva.

Sobre os textos



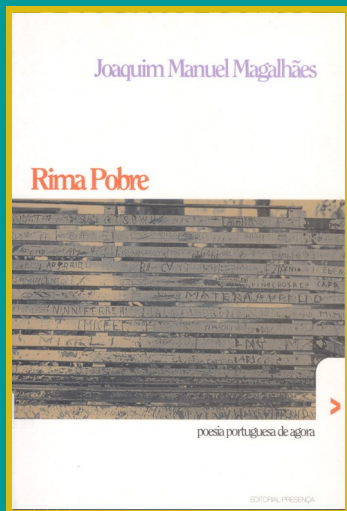
Cota: 80 MAG

Sobre os textos

Pois que, além do manuscrito, um não-Pessoa qualquer (isto porque se pressupõe nesta edição que não há correcções silenciosas dos manuscritos feitas pelos poetas em situações para sempre inverificáveis para os filólogos), outro processo da maior valia fez comparecer. O facto do poema se desviar, abruptamente, para um tom mais «arcaico». Um tom de ênfase simbolista e neo-helenizante – um tanto ao gosto pré-raphaelista de Ricardo Reis. O qual tom apenas pela «citação» de Whitman (o envio directo ao início da segunda estrofe do poema 7 de «When lilacs last in the Dooryard Bloomed»), se rearticulava com a tradição do «estilo basar» das estrofes anteriores. Ganhando, assim, um golpe audacioso de diálogo subterrâneo entre estilos que, sendo diversos, se empenhavam numa unidade processual altamente irónica e de conflitualidade alicerçada no confronto prosódico, lexical e temático.

Para que tudo isto resultasse, era necessário que o poema constituísse uma unidade. (p. 12)

Magalhães, Joaquim Manuel. (1999). *Rima pobre*. Lisboa: Presença.



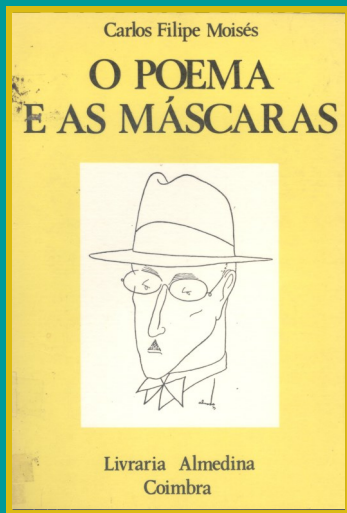
Cota: 80 MAG

Sobre os textos

Como se vê, não só se tenta relembrar que também à produção poética dos heterónimos cabe a prática alteronímica, mas também, quando directamente se vinca o primado de “ser todos os tempos”, insiste-se na importância de uma capacidade básica dos heterónimos: a de, pelo desdobramento do eu, redefinirem-se numa identidade, num eu total e divino. Esta possibilidade de cada um dos heterónimos pessoanos produzir o desdobramento do eu num outro parece-nos, assim, bastante significativa, quando se trata de conceber esse outro como termo ex-cêntrico que contribui para um enriquecimento do eu. [...]

Como quer que seja, o que imediatamente se não pode negar ao comportamento alteronímico é uma efectiva perda da identidade do eu (concebido como uno e monológico), devedora, aliás, de um processo não raro revestido de “perecimento” desse eu. E se procurarmos vermos em termos essa “morte” do sujeito se processa, teremos que nos orientar, sobretudo, por Campos, cuja poesia, mais do que a de qualquer outro heterónimo, evidencia claramente essa ideia. (p.p 146-147)

Magalhães, Joaquim Manuel. (1999). *Rima pobre*. Lisboa: Presença.



Cota: 80 MOI

Sobre os textos

Caeiro, Campos, Reis, Pessoa, longe de serem entidades autónomas e estanques, representam etapas de um processo aberto ao infinito; não constituem, na verdade, um sistema fechado e definido, como alguns críticos têm defendido, mas quando muito núcleos provisórios de um sistema em permanente metamorfose e expansão. Na raiz do processo, uma vez mais e sempre, situa-se a questão basilar do conhecimento. Como vimos, Ser e Linguagem coincidem na cosmovisão pessoana. Mas é na poesia que a linguagem encontra sua manifestação essencial e suprema, e a linguagem poética de Pessoa é – como vimos, também – sempre desdobramento da personalidade e criação de «máscaras», que correspondem a tantos «eus» quantas são as possibilidades de conhecimento inerentes ao Ser, impossível de ser apreendido, em todas as suas camadas, por um único e individualizado sujeito cognoscente. «Nessa ordem de ideias, conhecer seria quase impossível a um só homem: far-se-ia necessário multiplicar-se em outras tantas entidades quantas fossem as criaturas que compõem a Humanidade». (p. 215)

Moisés, Carlos Filipe. (1981). *O poema & as máscaras*. Coimbra: Almedina.



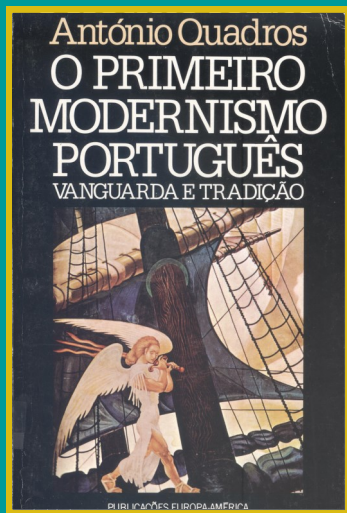
Cota: 80 MON

Não, para nós, homens vivos num mundo que ainda é o mesmo mundo em ruínas, com a diferença de essas ruínas serem hoje um amontoado de ainda mais vastas proporções, para nós Fernando Pessoa é, além do grande poeta, o primeiro destruidor de mitos. O primeiro a ter procurado tirar o homem de entre os escombros, para lhe oferecer a verdade de que não havia verdade. Bem sei que nem todos souberam compreender ainda este sentido da sua obra, e que, reconhecendo-o embora como grande poeta, o acusam de ter destruído sem construir. Mas a missão da poesia não é construir, mas pôr o homem face a face com a sua própria condição. A outros compete, ou partir desta terra queimada para uma reconstrução do homem – ou a solução mais provável de inventar um novo mito para fingir de nova e definitiva verdade.

Aqueles que viram em Fernando Pessoa o lírico falando por si próprio — mas nem o mais puro lírico fala por si próprio! - levantaram a propósito da sua poesia o problema da sinceridade. Ora, conforme procuro mostrar noutra parte deste livro... (p. 50)

Monteiro, Adolfo Casais. (1999). *A poesia de Fernando Pessoa* (2.^a ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sobre os textos

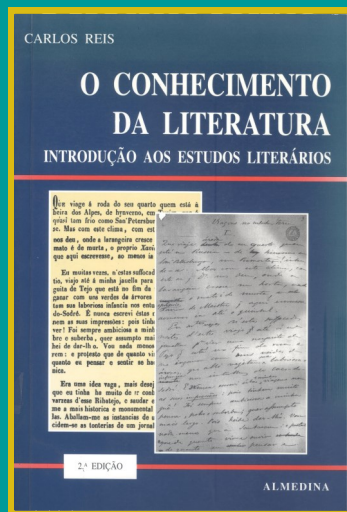


Cota: 80 QUA

Sobre os textos

Eis um convite que aqui trazemos. Convite para a aventura apaixonante de ler a poesia de Fernando Pessoa, mas como se penetrando num continente surpreendente e misterioso. Convite para a navegação nos labirintos da sua personalidade múltipla, profunda e enigmática. Convite para a descoberta da fugidia unidade que se esconde por detrás das máscaras dos heterónimos. Convite para que cada um de vós, leitores, encontre a sua pessoal resposta para aquelas interrogações: porque foi este homem discreto, obscuro e sem títulos, este e não outro, de entre os Portugueses do século XX, escritores, artistas e cientistas, catedráticos, generais e políticos, o escolhido para representar o espírito português no mundo? E, mais do que isso, talvez o escolhido (pela eleição natural do génio) para representar a grande crise de identidade do homem moderno, dividido entre a força atávica ou subconsciente das suas raízes e tradições espirituais e a fragilidade da sua moderna estrutura intelectual, psicológica e moral, estilhaçada pela perda dos antigos valores e contudo incerta perante as ideias e as ideologias que se reclamam do futuro mas suscitam também reservas e incertezas. (p. 190)

Quadros, António. (1988). *O primeiro modernismo português*. Lisboa: Publicações Europa-América.

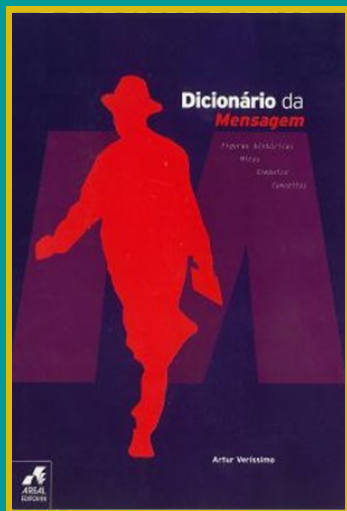


Cota: 80 REI

Sobre os textos

Sendo assim, torna-se óbvio que a pseudonímia é claramente distinta da heteronímia. O que aqui se nos revela é um nome outro, diverso do chamado ortónimo, coincidindo este com o nome civil que serve também como nome literário; a situação paradigmática, neste caso, é a de Fernando Pessoa que, enquanto ortónimo, é um autor literário reconhecido como tal (é com esse nome que assina a *Mensagem*), autor que, entretanto, estabelece uma relação dialógica com outras individualidades literárias, os heterónimos, distintos dele pela acção conjugada de, pelo menos, três factores: a determinação de um nome próprio (Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro); a configuração de uma identidade autónoma, no plano estético-cultural (com biografia atribuída, formação, ideias próprias, etc.); a enunciação de um estilo específico que, em última instância, permite distinguir um heterónimo dos restantes e também do ortónimo. Note-se, portanto, que a heteronímia envolve componentes estético-culturais mais complexas do que a pseudonímia e tem lugar num tempo próprio... (pp. 64-65)

Reis, Carlos. (2001). *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Almedina.



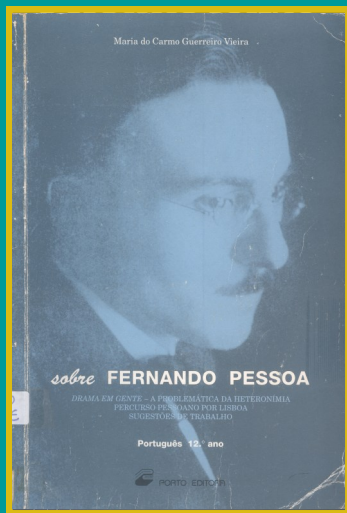
Cota: 80(038) VER

O assunto da Mensagem não são os portugueses e os seus feitos gloriosos ou os acontecimentos históricos mais significativos, mas a essência de Portugal e sua missão de cumprir. Diversamente, pois, do que aconteceu n'Os Lusíadas, em que o tema é a História de Portugal, vista através dos feitos guerreiros e marinheiros dos heróis portugueses, relatados nas paragens da viagem de Vasco da Gama à Índia, fio condutor da epopeia camoniana. [...]

Em todo o caso, não é a mensagem o documento ideal para clarificar a ideologia política de Pessoa, não obstante o teor nacionalista que a percorre ou as suspeitas que o momento escolhido para a sua publicação suscitou. Também não se pode imputar à obra nem ao seu autor o aproveitamento indevido, de cariz marcadamente passadista, que dela foi feito pelos mentores do Regime. A essa aproximação perversa, que algumas vozes críticas destacaram, contrapõe Pessoa. (p. 84)

Veríssimo, Artur. (2002). *Dicionário da mensagem*. Lisboa: Areal.

Sobre os textos



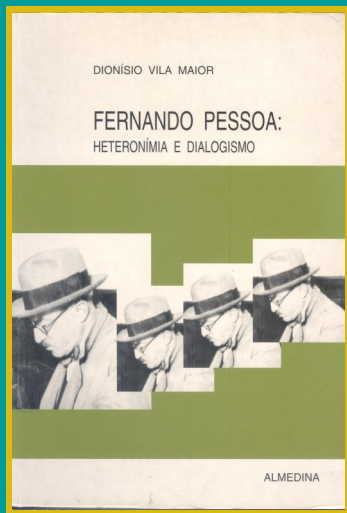
Cota: 80 VIE

Drama em gente, expressão criada por Fernando Pessoa, é uma colagem de textos pessoanos, que pretende acompanhar a explicação que o poeta se impôs de auto-analisar esse seu jogo, imaginativo e dramático, da heteronímia e da sua continuidade.

Essa tentativa de suavizar um isolamento, falho de amigos e de gente cultural e intelectualmente interessante, exigiu-lhe, no entanto, a atomização da sua unidade interior. Voluntariamente indefeso, o poeta assiste à dilaceração dessa unidade, “aguentado”, numa conciliação impossível, o tormento e o divertimento que se tornaram esses “eus”, criados em momentos de repentina e consequente inspiração e que a memória soube guardar com sincera emoção. É gente que o poeta “imaginou com vidas próprias, reais, definidas e imperfeitas” e com quem manteve, unilateralmente, uma relação silenciosa de amizade, de companheirismo, de gozo intelectual e de saudade – “Quando sonho (...) e me visiono encontrando-os, todo eu me alegro, me realizo, me... (p. 7)

Vieira, Maria do Carmo Guerreiro. (1993). *Sobre Fernando Pessoa*. Porto: Porto Almedina.

Sobre os textos



Cota: 80 VII

Como se vê, não só se tenta relembrar que também à produção poética dos heterónimos cabe a prática alteronímica, mas também, quando directamente se vinca o primado de “ser todos os tempos”, insiste-se na importância de uma capacidade básica dos heterónimos: a de, pelo desdobramento do eu, redefinirem-se numa identidade, num eu total e divino. Esta possibilidade de cada um dos heterónimos pessoanos produzir o desdobramento do eu num outro parece-nos, assim, bastante significativa, quando se trata de conceber esse outro como termo ex-cêntrico que contribui para um enriquecimento do eu. [...]

Como quer que seja, o que imediatamente se não pode negar ao comportamento alteronímico é uma efectiva perda da identidade do eu (concebido como uno e monológico), devedora, aliás, de um processo não raro revestido de “perecimento” desse *eu*. E se procurarmos ver em termos essa “morte” do sujeito se processa, teremos que nos orientar, sobretudo, por Campos, cuja poesia, mais do que a de qualquer outro heterónimo, evidencia claramente essa ideia. (pp. 146-147)

Vila Maior, Dionísio. (1994). *Fernando Pessoa: heteronímia e dialogismo*. Coimbra: Almedina.

Sobre os textos



Cota: 80(092) ZEN

Diz-se , por vezes, que os quatro maiores poetas portugueses do século XX são Fernando Pessoa. Tal afirmação, estranha para quem não conheça este fenómeno literário, torna-se ainda mais insólita se recordarmos que Pessoa apenas publicou um livro de versos em português: *Mensagem*, com 44 poemas, em 1934. Outros poetas, como o seu contemporâneo Konstantinos Kavafis (1863-1933), só alcançaram a celebridade a título póstumo, mas Pessoa, já na sepultura, surpreendeu o mundo não só por ter deixado muita poesia inédita mas por ser o criador de vários poetas desconhecidos, ou pouco conhecidos, e ainda de vários prosadores. Os três nomes de poetas que, juntamente com o que recebeu à nascença, formam o quarteto assombroso que transformou a história da literatura portuguesa e, depois, da literatura europeia e mesmo mundial, não eram, na verdade, inéditos. Álvaro de Campos foi revelado em 1915, na revista *Orpheu*, com os poemas Ode Triunfal, Opiário e Ode Marítima, Ricardo Reis, em 1924, com um conjunto de 20 odes publicadas em *Athena*, e Alberto Caeiro, no ano seguinte e na mesma revista, com nada menos de 39 poemas. (p. 9)

Zenith, Richard. (2008). *Fernando Pessoa: Fotobiografias: Séculi XX*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Sobre os textos



Cota: 80(092) ZEN

Pseudónimos? Pré-heterónimos? Pseudo-heterónimos? Como chamar aos dois primeiros «outros-eus» com obra «própria» de relevo? Em rigor, o termo «heterónimo» só se aplica à tríade de poetas que surgiria em 1914: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Apenas eles – dotados de biografias, atitudes e estilos radicalmente diferentes – atingiram o nível de «outragem» correspondente ao conceito formulado por Pessoa nos seus textos teóricos sobre a heteronímia. Não é incorrecto denominarmos C. R. Annon e Alexander Search de pré-heterónimos, mas convém recordar que a diferença no seu estatuto não é só quantitativa; o próprio tipo de fingimento não é o mesmo. Enquanto os heterónimos representavam o que Pessoa não era, excepto latentemente, em fantasia ou sonho, os dois alter-egos anglófonos representavam, pelo contrário, o que o jovem poeta assumidamente era quando surgiram. Não por acaso, Search nasceu supostamente na mesma cidade e no mesmo dia que Pessoa, pois era idêntico a ele, mesmo sendo outro. Uma espécie de réplica ou de sócia. (p. 66)

Zenith, Richard. (2008). *Fernando Pessoa: Fotobiografias: Séculi XX*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Sobre os textos

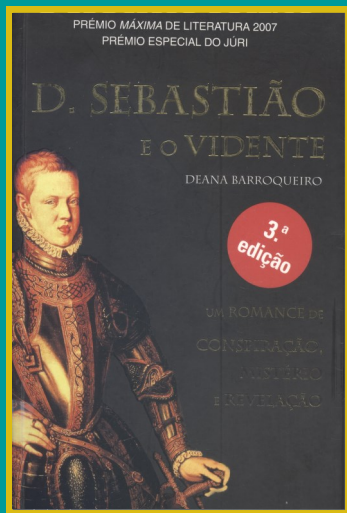


Cota: 80(092) ZEN

Sobre os textos

Estas palavras sugerem, por um lado, que o verdadeiro intuito de *Mensagem* era contribuir para a transformação da mentalidade nacional. Indicam, por outro lado, que Pessoa considerava a conjuntura política propícia para que a sua *Mensagem* fosse ouvida. Intitulando-se, na mesma carta, um «nacionalista místico» e um «sebastianista racional», Pessoa confirmou a posição por si expressa num inquérito publicado em 1926 (e republicado em 1934). Admitindo então que o mito sebastianista era uma «mentira», visto que «não há verdade» ou «a verdade é inatingível», defendia a sua utilidade para «levantar o moral» da nação, devido às suas «raízes profundas no passado e na alma portuguesa». Por isso, preconizava a sua renovação nestes termos: «Começemos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós, por o incarnar. Feito isto, cada um de nós independentemente e a sós consigo, o sonho se derramará sem esforço em tudo o que dissermos ou escrevermos, e a atmosfera estará criada, em todos os outros, como nós, o respirem. Então se dará na alma da Nação o fenómeno imprevisível de onde nascerão as Novas Descobertas, a Criação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá regressado El-Rei D. Sebastião.» (p. 158)

Zenith, Richard. (2008). *Fernando Pessoa: Fotobiografias: Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores.



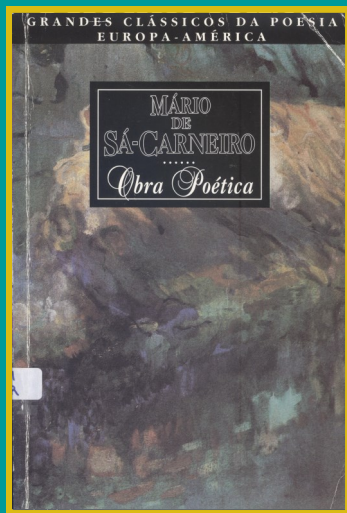
Cota: 821.134.3-311.6 BAR

ConTextos

Mulei Mohamed fora ferido, embora sem gravidade, mas via-se desamparado dos seus seguidores e com o esquadrão desbaratado, pelos muitos homens que haviam desertado para o campo do Moluco. O xerife tinha o coração pesado de ódio e humilhação por, na falta do poderoso Filipe II, se ter aliado àquele reizinho arrogante e louco, incapaz de ouvir os conselhos da sua gente mais conhecedora das coisas da guerra e que, por pouco, tivera a vitória nas mãos, mas deitara tudo a perder por inexperiência, capricho e obstinação, arrastando-o na queda. Se ficasse cativo, Mohamed iria sofrer as terríveis represálias que o seu tio destinava aos traidores, por isso, não lhe restava senão morrer lutando ou procurar a salvação na fuga antes de terminada a batalha.

Optara pela segunda escolha, menos meritória mas mais sábia (sabedoria de homem prudente que o distinguia do jovem rei cristão que, em vez de se render como lhe aconselhara, escolhera a morte gloriosa ou o martírio), fugindo através do rio Almahazan, por onde passaria a serra, a fim de se acoitar na armada portuguesa que dali se via a bordejar a costa à espera de D. Sebastião. (p. 625)

Barroqueiro, Deana. (2008). *D. Sebastião e o vidente* (3.ª ed.). Porto: Porto Editora.

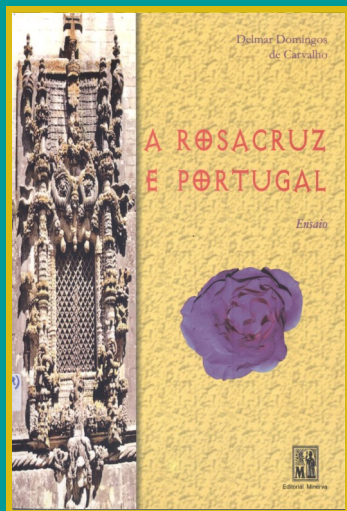


Cota: 821.134.3-1 CAR

ConText(o)s

Um pouco mais de sol – eu era brasa. / Um pouco mais de azul – eu era além. / Para tingir, faltou-me um golpe de asa... / Se ao menos eu permanecesse alguém.. / Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído / Num baixo mar enganador d'espuma; / E o grande sonho despertado em bruma, / O grande sonho – ó dor! – quase vivido... / Quase o amor, quase o triunfo e a chama, / Quase o princípio e o fim – quase a expansão... / Mas na minh'alma tudo se derrama... / Entanto nada foi só ilusão! / De tudo houve um começo... e tudo errou... / - Ai a dor de ser-quase, dor sem fim...- / Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim, / Asa que se enlaçou mas não voou... / Momentos de alma que desbaratei... / Templos aonde nunca pus um altar... / Rios que perdi sem os levar ao mar... / Ânias que foram mas que não fixei... / Se me vagueio, encontro só indícios... / Ogivas para o sol – vejo-as cerradas; / E mãos de herói, sem fé, acobardadas, / Puseram grades sobre os princípios... / Num ímpio difuso de quebranto, / Tudo encetei e nada possuí... / Hoje, de mim, só resta o desencanto / Das coisas que beijei mas não vivi... Paris 1913 – Maio 13 (pp. 82-83)

Carneiro, Mário de Sá. (1996). *Obra poética de Mário de Sá-Carneiro*. Mem Martins: Europa-América.



Cota: 94(469) CAR

Notável escritor, em cujas obras existem diversos elementos sobre a Rosacruz. [...]

Para Pessoa, a verdadeira iniciação começa no grau de Adepto Menor, para ele, Padre António Vieira está nesse nível. Não é bem assim o caminho da iniciação rosacruz, esta sua afirmação encerra algo de verdade, dependendo do que entendermos sobre Adepto Menor.

Por outro lado, é interessante constatar que Pessoa sabe que o Templo de Salomão não é uma construção material, mas espiritual. Na realidade, esse Templo é místico e esotérico, sendo construído no interior de cada iniciado.

Defensor de messianismo, como do V Império àquele ligado, em suas obras há aqui e ali, algo profético, que merece uma atenção mais profunda, uma leitura baseada na intuição e não só, Pessoa, como, hoje, sabemos, profetizou que o império material português se iria desfazer, depois de se cumprir o mar, e LEMBRA: FALTA CUMPRIR-SE PORTUGAL. (pp. 165-167)

Carvalho, Delmar Domingos de. (2007). *A RosaCruz e Portugal*. Lisboa: Editorial Minerva.



Cota: 80 CAR

Na continuação faz o autor desfilar, no palco assim erguido, todos os poetas, de todos os tempos, de maior relevo na literatura nacional, pondo na boca bodas de prata. Assim D. Sancho I declamava:

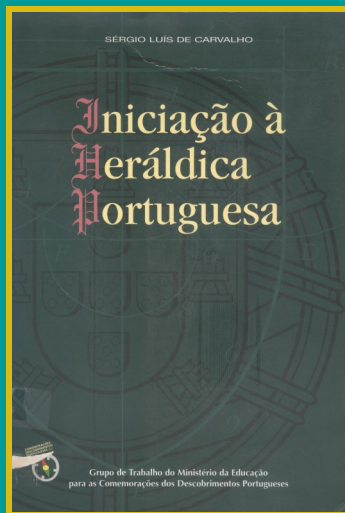
Canção de Amigo
Do Estado Novo

Bodas de prata
Vai festejar

Tão bela data
Quero cantar.
Depois, mudando de tática métrica, passa por Camões que declama;
Ressuscitou por gáudio do presente,
E do passado vim ressuscitado
Para o Estado Novo ser prestado
O meu concurso de épico oferente.
Até Fernando Pessoa:
O único imperador que tem, deveras
O globo mundo em sua mão
Pode espalhar pelas futuras eras
Em aviões tão céleres como o vento
E em novas, rápidas, velozes caravelas,
Do Estado Novo o nacional ressurgimento. (p. 365)

Carvalho, Rômulo de. (1995). *O texto poético como documento social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ConTexto(s)



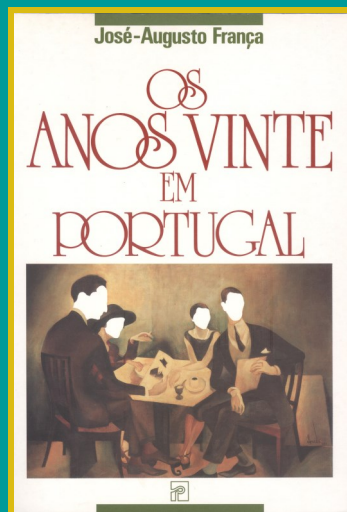
Cota: 94(469) CAR

ConTexto(s)

Cremos não estar muito longe da verdade se afirmarmos que aquilo que num brasão mais parece atrair o observador é – para além da própria estética – a noção de que esse brasão encerra uma determinada mensagem cifrada e culta numa simbólica de cores e peças, de partições e sinais, mensagem essa que apenas o especialista (que aos olhos do leigo mais desatento não raro assume um estatuto algo iniciático) está em condições de descodificar mediante o uso de “chaves” próprias.

Deixando de lado um certo laivo romântico sempre inerente à forma como a ciência é encarada por alguns, é um facto inegável que um brasão possui uma linguagem intrínseca, linguagem correspondente ao simbolismo que subjaz ao seu formato, às cores que adopta, aos motivos que faz representar, aos adornos – externos e internos – que escolhe e aos motes que ostenta. A feitura de um exemplar heráldico obedece a um conjunto preestabelecido de normas que o tempo delimitou e o uso legitimou, e são essas normas, quando correctamente aplicadas, que permitem que o estudo daí resultante possa falar-nos não só de algumas características do seu portador, como até narrar-nos ocasionalmente episódios significativos. (p. 45).

Carvalho, Sérgio Luís de. (1996). *Iniciação à heráldica Portuguesa*. Lisboa: G. T. M. E. C. D. P.

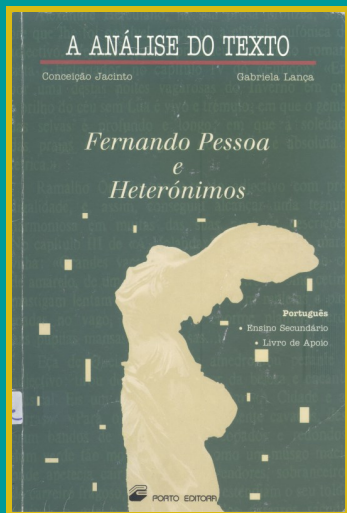


Cota: 94(469) FRA

Para Fernando Pessoa, o pensamento parafuturista que exprimira o nosso famoso «Ultimatum» de 1917 (e já antes, em 12, n'«A Águia») desenvolvia-se então num longo ensaio, «Para uma estética não aristotélica», publicado numa revista que ele próprio criara em 24. Eram «inteiramente originais e novas» as suas ideias, gabava-se o poeta que (como devia) as assinava Álvaro de Campos. Tratava-se de uma estética de «força» e não mais de beleza: «a arte é um esforço para dominar os outros», para os «subjogar» e não «captar» por insinuantes meios de agrado e compreensão. Subjuga o artista «foco emissor abstracto sensível (“particular e pessoal”) que force os outros». Ele é «dinamogéneo» e não meramente «transformador», como o artista aristotélico – e como o é o ditador em face do democrata...

Os três Pessoa, Almada e Leal, teriam inevitáveis mal-entendidos com a política nacional na sua viragem ditatorial – todos eles filhos do futurismo que lhes marcara a juventude, em anos de turbacão. (pp. 151-152).

França, José-Augusto. (1992). *Os vinte anos em Portugal*. Lisboa: Presença.



Cota: 80 JAC

O Modernismo é, fundamentalmente, uma consequência da perda da individualidade numa massa colectiva abstracta e anónima e da incapacidade de afirmação do indivíduo num mundo em que o ser humano foi substituído pela máquina.

A descoberta do absurdo, ou seja, a consciência do paradoxo vida/morte, que governa a existência, a consciência do nada marca irremediavelmente o Homem do século XX. Havia que negar valores apodrecidos e, à maneira de Zaratustra, que anuncia o Super-Homem, na famosa obra de Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*, inventar outros, adequados ao homem niilista.

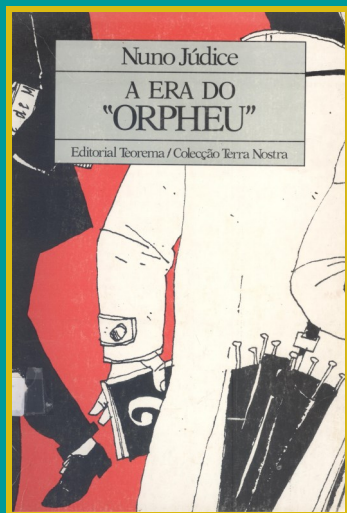
Numa primeira fase, o Modernismo confundiu-se com o Futurismo e significou uma inovação estética. Este movimento aparece aliado às artes plásticas e, em Portugal, surge por volta de 1913.

Fazem parte do chamado primeiro Modernismo Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Santa-Rita Pintor, Almada-Negreiros, Luís de Montalvor, Raul Leal, Armando Corte-Rodrigues e Alfredo Guisado, entre outros.

A revista *Orpheu* surge, aliás, pela primeira vez, em Março de 1915... (p. 27)

Jacinto, Conceição & Lança, Gabriela. (1999). *A análise do texto : Fernando Pessoa e heterónimos*. Porto: Porto Editora.

ConText(o)s



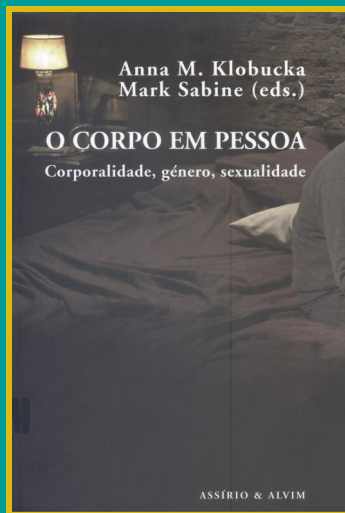
Cota: 80 JUD

ConText(o)s

Os epígonos surgiram antes ainda da obra publicada. Eles servem, porém, para dar consistência, em termos de expressão pública, à nova sensibilidade poética. Esta, de resto, tinha já um primeiro manifesto: a revista *A Renascença*, cujo primeiro e único número é datado de Fevereiro de 1914, trazia o poema *Pauis*, publicado conjuntamente com *O sino da minha aldeia* sob o título *Impressões do Crepúsculo*. É curioso notar que Pessoa vai à frente daquilo que publica: o paulismo só vem a público quando ele criara já o interseccionismo, ao escrever *Chuva Oblíqua*, e com o *Opiário* e a *Ode Triunfal* se lançava no sensacionismo. Uma lógica de publicação sem dúvida premeditada leva-o, porém, a guardar a apresentação em letra impressa desses ismos.

A Renascença é dirigida por Carvalho Mourão e, para lá da destoante presença de Júlio Dantas com o soneto *Os cravos vermelhos* e de André Brun com a rubrica *O mês teatral* (ambos futuros inimigos do *Orpheu*), reflecte a nova estética tanto na prosa do próprio Mourão e de Line... (pp. 51-52).

Júdice, Nuno. (1986). *A era do "Orpheu"*. Lisboa: Teorema.

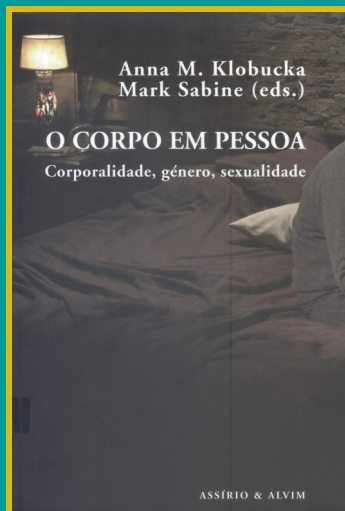


Cota: 80 KLO

Este aparente enfraquecimento do interesse crítico coincidiu não apenas (e algo contraditoriamente) com a publicação massiva, ao longo dos anos 1990, de uma série de material do espólio de Pessoa anteriormente desconhecido, mas também com o florescimento, a uma escala internacional, de textos teóricos originais e influentes acerca de corporalidade e de estudos sobre as representações literárias e culturais do corpo. Enquanto a influência destas novas perspectivas teóricas demorou, por conseguinte, a permear a discussão do cânone então existente das obras de Pessoa, a recente explosão de inéditos seus só veio comprovar, ainda mais, o potencial da sua contribuição para os estudos pessoanos. Com efeito, ao orientarmos o escrutínio para os aspectos do fenómeno Pessoa até hoje geralmente marginalizados ou negligenciados pelos seus críticos – corporalidade, género e sexualidade – pretendemos também enfatizar a importância desta última fase da revelação gradual do trabalho a que o poeta dedicou a sua vida. (p. 15).

Klobucka, Anna M. & Sabine, Mark. (2010). *O corpo em Pessoa: corporalidade, género, sexualidade*. Lisboa: Assírio & Alvim.

ConTexto(s)



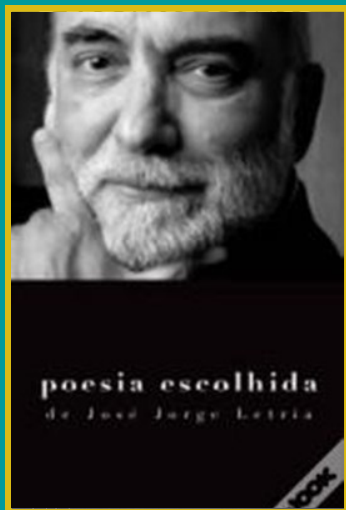
Cota: 80 KLO

ConTexto(s)

No entanto, em última análise, embora seja claro que a visão poética e a compreensão do moderno de Campos, que se processam mediante sensações erotizadas alternantes, corroborem a larga invisibilidade das mulheres na literatura da modernidade, a sua obra precisa de ser reposicionada no contexto da heteronímia e da estratégia inerente à mascarada poética de Pessoa. De facto, o apagamento das mulheres, flagrante nas odes de Campos, opõe-se diametralmente, por exemplo, à idealização romantizada das mulheres como objectos de amor por Ricardo Reis.

Enquanto postura heteronímica, portanto, a interpenetração multifacetada com a modernidade, a violência erotizada e as categorias sexuais ambivalentes que deslocalizam as mulheres na poesia de Campos, podem assim ser entendidas como uma faceta da preocupação de Pessoa com a autodefinição, faceta que explora e incorpora uma série de alternativas ontológicas e experimentais, com o propósito de promover a concretização de novas formas de subjectividade no contexto da sua poética da modernidade. (pp. 275-276).

Klobucka, Anna M. & Sabine, Mark. (2010). *O corpo em Pessoa: corporalidade, género, sexualidade*. Lisboa: Assírio & Alvim.

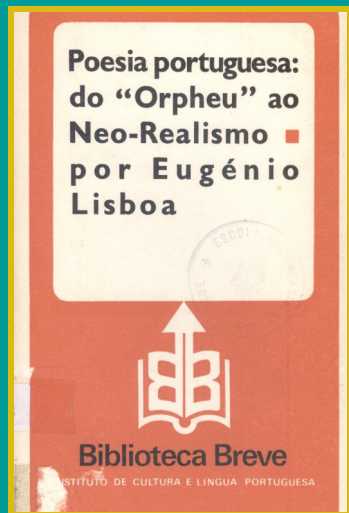


Cota: 821.134.3-1 LET

O senhor esguio, bem posto, de olhar ausente
Atrás das lentes que vigiam o mundo
Tem tantos nomes quantos
Os que um homem pode ter para se perder
Naquilo que não pode ser. Rima imperfeita,
Inacabada para falar do poeta
Que viaja imóvel entre o cais de partir
E o de nunca chegar, contando gaivotas
Decifrando a cabala das nuvens
Entre o Cais do Sodré e Cascais,
Onde vai pagar uma contribuição
Do patrão Vasques, de uma casa
Que tem no Estoril. Chegámos Senhor Pessoa,
Já não há mais estações depois desta.
Qual das pessoas que tem Pessoa
Acorda para responder ao revisor?
Uma hora para cá, outra para lá,
Medindo com os olhos baços, turvos,
Esquívos, a dolência atlântica, enganadora,
Destas ondas encapeladas. (pp. 95-96)

Letria, José Jorge. (2012). *Poesia escolhida*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Sobre os textos

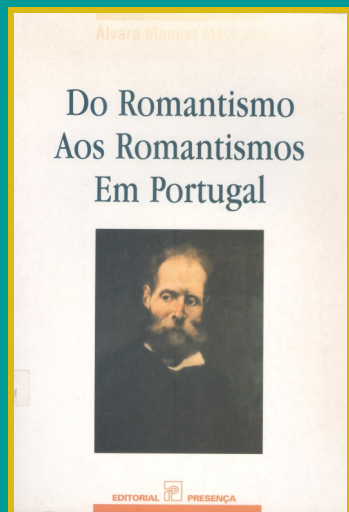


Cota: 80 LIS

Orpheu é, a um tempo, um símbolo feliz e austero. A aventura dos argonautas portugueses do primeiro quartel do século XX é largamente uma saga de homens que vão até ao fim e sucumbem (ou triunfam: a linha divisória fica frequentemente indefinida), quase sempre sem a presença consoladora de uma mulher. O Orpheu da lenda desprezava as mulheres, pela dor irreparável que lhe causara a perda de uma primeira mulher. Nos homens do Orpheu lusíada a mulher quase não está presente. Numa carta de Dezembro de 1912 escrita em Paris, a Fernando Pessoa, Sá-Carneiro proclamava com uma espécie de altiva amargura: «A nossa geração é mais complicada, creio, e mais infeliz. A iluminar as suas complicações não existe mesmo uma boca de mulher. Porque somos uma geração superior.» A mulher pode ser presença discreta na vida (quando é), mas, ou se ausenta dos textos ou tem neles uma função excessivamente peculiar. (p. 16).

Lisboa, Eugénio (1980). *Poesia portuguesa: do "Orpheu" ao Neo-Realismo*. Lisboa: Bertrand.

ConText(s)



Cota: 80 MAC

ConTexto(s)

Concluído, põe-se a seguinte questão: como interpretar, no plano comparativista da estética da recepção, a recepção de Hugo por Fernando Pessoa no início do século XX? Como interpretar esta feroz oposição ao poeta francês por parte de um dos mais cultos e, sem dúvida (será lugar-comum dizê-lo), mais complexos e europeus poetas portugueses do nosso século? Penso que para responder cabalmente a esta questão teremos de ser um pouco drásticos: Pessoa nunca foi um grande teórico da literatura em geral e da poesia em particular – embora, paradoxalmente, haja muita elaboração teórica na ideia de criação poética que ele foi expondo para si próprio e para a posteridade. De facto, para sermos rigorosos, Pessoa está muito longe de um Paul Valéry, dum T. S. Eliot, dum Rilke, dum Hugo von Hoffmansthal ou dum Ezra Pound neste plano teórico.

E, no entanto, apesar das suas fraquezas, do seu gosto imoderado pelo silogismo, da sua parcialidade, os textos teóricos de Pessoa permitem-nos, não só compreender melhor as influências estrangeiras predominantes em toda a sua obra... (pp. 132-133).

Machado, Álvaro Manuel. (1990). *Do romantismo aos romantismos em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.



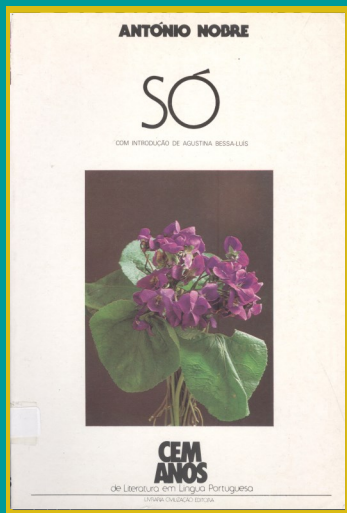
Cota: 821.134.3-1 NEG

ConText(s)

A sombra sou eu

A minha sombra sou eu,
Ela não me segue,
Eu estou na minha sombra
E não vou em mim.
Sombra de mim que recebo a luz,
Sombra atrelada ao que eu nasci,
Distância imutável de minha sombra a mim.
Toco-me e não me atinjo,
Só sei do que seria
Se da minha sombra chegasse a mim.
Passa-se tudo em seguir-me
E finjo que sou eu que sigo,
Finjo que sou eu que vou
E não que me persigo.
Faço por confundir a minha sombra comigo:
Estou sempre às portas da vida,
Sempre lá, sempre às portas de mim! (p. 207).

Negreiros, José de Almada. (1971). *Poesia* (4.º vol.). Lisboa: Editorial Estampa.



Cota: 821.134.3-1 NOB

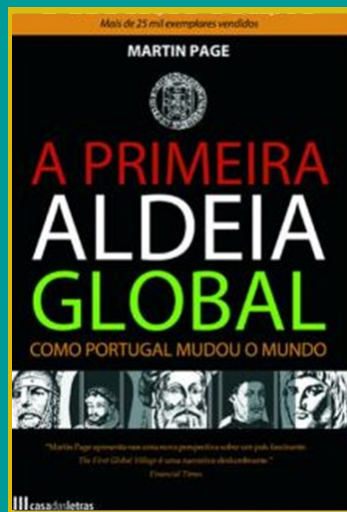
Sobre os textos

Ó padeirinha a amassar pão,
Velhinhas na roca a fiar,
Cabelo todo em caracóis!
Pescadores a pescar
Com a linha cheia de anzóis!
Zumbidos das vespas, ferrões das abelhas,
Ó bandeiras! Ó sol! Foguetes! Ó toiradas!
Ó boi negro entre as capas vermelhas!
Ó pregões d'água fresca e limonada!
Ó romaria do Senhor do viandante!
Procissões com música e anjinhos!
Srs. Abades d'Amarante,
Com três ninhadas de sobrinhos!

Onde estais? Onde estais?

Ó minha capa de estudante, às ventanias!
Cidade triste agasalhada entre choupais!
Ó dores dos poentes, às Ave-Marias!
Ó cabo do mundo! Moreira da Maia!
Estrada de Santiago! Sete-Estrela!
Casas dos pobres que o luar, à noite, caia... (pp. 37-38)

Nobre, António. (1995). Só. Porto: Civilização.



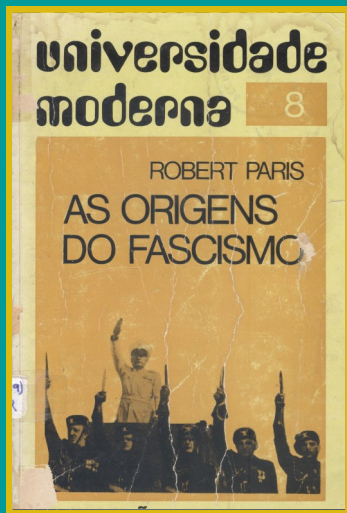
Cota: 94(469)PAG

Considerado como um dos maiores monarcas portugueses de todos os tempos, ligou-se de tal modo aos «irmãos agrónomos» de Alcobaça que os seus cronistas lhe chamaram o Rei Lavrador. Os que arroteavam a terra ficavam isentos de impostos sobre o produto das colheitas, e aos rendeiros que, pondo em prática o conselho dos monges, conseguiam produzir mais e melhor eram concedidos freeholds dentro de dez anos.

Foi um projecto pessoal da rainha D. Isabel desenvolver os pinhais, cuja plantação os monges de Cister tinham iniciado na planície costeira. Os estaleiros, onde os frades construíram navios de madeira, foram também expandidos. Pela primeira vez, desde a era romana, Portugal começava a negociar com o resto da Europa, nomeadamente com Flandres e Inglaterra, e ainda com terras tão longínquas como a Tassalonica. Construtores navais e trinta capitães da marinha foram recrutados em Génova que, numa transferência de tecnologia e de competências do Mediterrâneo para o Atlântico, viria a transformar o mundo. (p. 95)

Page, Martin. (2008). A primeira aldeia global (2.ª ed.). Lisboa: Casa das Letras.

Sobre os textos



Cota: 94(4) PAR

«Bastante embaraçado – confessava – para citar obras características» do futurismo, Benjamin Crémieux verificava em 1928 que o futurismo tinha «preparado os caminhos para a alma fascista». Até à «marcha sobre Roma», verificava também ele, o futurismo representou «a literatura oficial» do fascismo ainda revolucionário. Isso parece menos exacto a quem conhece o gosto, a própria paixão, de Mussolini e dos fascistas pela retórica e pela declamação. Mas o fascismo, para dizer a verdade, tinha herdado muito do futurismo: menos do estilo ou da Antiacademia que das ideias políticas, menos da psicologia ou duma visão do mundo do que dos temas destinados a fundir-se e, às vezes, a perder-se no sincretismo fascista.

O futurismo literário, é verdade, tinha preparado o caminho – demonstrado pelo menos por uma certa decomposição das estruturas sociais, políticas e cívicas. Os futuristas, escrevia Gramsci em 1921, «destruíram, destruíram, destruíram... Os futuristas, no seu âmbito, o da cultura, são revolucionários». Essa apreciação inesperada apoiava-se na autoridade de Lunatcharsky, que no II Congresso Internacional Comunista, tinha declarado que existia em Itália «um intelectual revolucionário... (pp. 61-62).

Paris, Robert. (1974). *As origens do fascismo* (2.ª ed.) . Lisboa: Dom Quixote.

ConTextos



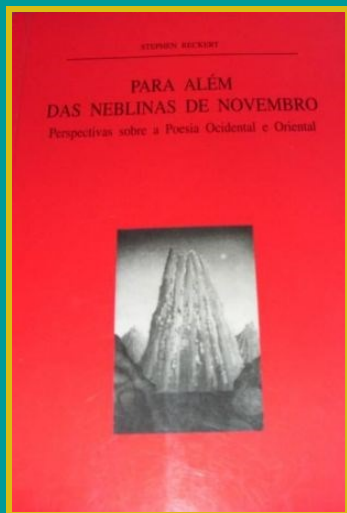
Cota: 821.134.3-31 PIN

Estava Fernando Pessoa a fazer as provas da sua indumentária psicofísica enquanto Alberto Reis observava agora a inquilina do primeiro andar esquerdo a abrir a janela da sala.

A manhã era o melhor momento do dia para testemunhar os costumes dos moradores do prédio, hábito que depois se prolongava durante a tarde e parte da noite num plano de fina intuição, já no silêncio da sua casa, onde Alberto Reis registava num caderno todos os sons estranhos que ouvia, exaustivamente fundamentados com anotações das horas, das pausas e dos movimentos, como se fosse o único espectador numa sala escura a decodificar representações teatrais privadas. Desta forma, toda a informação que o polícia reformado registava e lhe servia de recurso a eventuais falhas de memória revelava o profissional que fora e ilustrava, não sem algum exagero, as suas distintas competências na captação de rotinas domésticas. (pp. 14-15).

Pinto, Fernando Esteves. (2013). *O carteiro de Fernando Pessoa*. Lisboa: Parsifal.

ConTextos

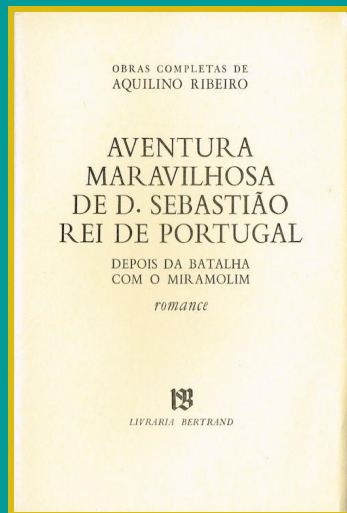


Cota: 80 REC

Fernando António Nogueira Pessoa, cujo centenário em 1988 foi comemorado de ambos os lados do «mas português», como é do conhecimento geral, com o habitual alarido comemorativo luso-brasileiro, é por consenso geral (não sem alguma injustiça para com outros três ou quatro plausíveis contendores) o maior poeta moderno da língua portuguesa. De facto, ela era para ele a sua verdadeira Pátria, pois que se considerava um daqueles portugueses que mais nada tinham a fazer, uma vez descoberto o caminho marítimo para a Índia; e era, ainda para mais, um fervoroso crente na Quinta Monarquia joaquimita.

O seu envolvimento de toda a vida com um aglomerado de doutrinas esotéricas – desde a Cabala a Joaquim de Flora e à Maçonaria e desde a Teosofia ao Rosa-Cruzismo, à astrologia e à fímbria mais abstrusa do ocultismo – fazem dele, à primeira vista, uma versão portuguesa de Yeats, a quem imprudentemente se referiu, em 1917, como «despojo que o naufrágio do Simbolismo inglês depositou na praia» (um irónico castigo do destino confrontou-o, doze anos depois, com a autodesignada «Besta 666» Aleister Crowley, essa «inqualificável louca criatura», no dizer de Yeats). (pp. 218-219).

Reckert, Stephen. (1999). *Para além das neblinas de novembro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.



Cota: 821.134.3-31 RIB

D. Sebastião, avançando sempre, penetrou no campo, fora, fora, até a linde oposta. Graças às dobras do terreno, ao empecilhamento, próprio de exército desbaratado, e ainda à desordem, explicável em exército vencedor na maré de cupidez, foi-lhe possível iludir a caça que lhe davam. Tido e reconhecido porém pelo cavaleiro invulnerado, tanto bastou para mil albornozes se agitarem ao vento na sua peugada; nos garranos ligeiros e infatigáveis, os alarves do alcaide de alcácer-Quibir aprestaram as bestas; ginetes acorreram à desfilada de todos os pontos. Acometeram-no à carga cerrada, e, pela primeira vez, ante o tropel raivoso o instinto da conservação apoderou-se dele. Voltando brida, disparou seguido pelos seus. Lançada na sua pista, a cavalaria moura tropeava rijo e ferro, e os cavaleiros da primeira linha despediam gritos agudos e pragas. Mais ele largava, mais os sarracenos se enfureciam a picar. (p. 22).

Ribeiro, Aquilino. (1975). Aventura maravilhosa de D. Sebastião Rei de Portugal depois da batalha com o Miramolim. Lisboa: Bertrand.

ConTexto(s)

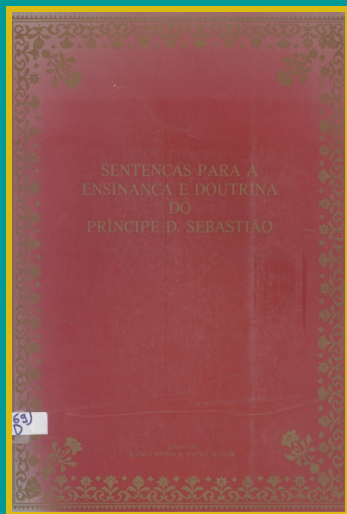


Cota: 821-6 RIL

Pergunta-me se os seus versos são bons. Pergunta-me a mim. Já perguntou a outros. Enviou-os a revistas. Comparou-os com outros poemas, e sente-se incomodado quando alguns editores rejeitam o seu esforço. Ora, (uma vez que me permite um conselho) peço-lhe que desista de tudo isso. Está a olhar à sua volta e acima de tudo não o deve fazer agora. Ninguém pode aconselhá-lo ou ajudá-lo, ninguém. Existe apenas um único caminho. Olhe para dentro de si. Procure a razão que o impele a escrever; descubra se essas raízes estão profundamente implantadas no mais recôndito do seu coração, pergunte-se a si próprio se morria caso fosse impedido de escrever. Isto, acima de tudo – questione-se no silêncio mais profundo da noite: tenho que escrever? Procure a resposta no mais profundo do seu ser. (pp. 8-9)

Rilke, Rainer Maria. (2004). *Cartas a um jovem poeta*. Carcavelos: Coisas de Ler.

Sobre os textos



Cota: 94(469) ROD

ConText(s)

As sentenças foram recentemente objecto de um breve artigo do arquitecto Jorge Segurado, em que se ocupa da grande importância do seu conteúdo, do provável iluminador e da identificação não só do doador, mas também do compilador do manuscrito. É exagero afirmar que nele se “foca insólito tema, em ideia nova com vista à educação de um futuro rei”. Com efeito, nada tinha de insólito nem de novo, tanto em Portugal como no estrangeiro. Referindo-nos apenas ao caso português, notemos que havia uma tradição neste género de literatura pedagógica, que remontava pelo menos ao século XIV. Embora, ao que parece, o *De regimine principum* de S. Tomás de Aquino não tenha sido traduzido na língua portuguesa, a verdade é que o rei Álvaro Pais não o ignorou. Zurara afirma que esta obra e o rei Egídio Romano, de igual título e destinada à educação de Filipe o Belo, eram conhecidas desde o reinado de D. João I; seu filho, o rei D. Duarte, cita várias vezes o *Regimento dos príncipes* de frei Egídio no Leal Conselheiro e no livro da ensinança de bem cavalgar toda sela. (pp. 15-16).

Évora, André rodrigues de. (1990). *Sentenças para a ensinança e doutrina do príncipe D. Sebastião*. Lisboa: Banco Pinto & Soutto Mayor.



Cota: 80 ROD

Fernando Pessoa foi o poeta por excelência de Lisboa, sob os diversos rostos do seu rosto, Fernando Pessoa ortónimo, Vicente Guedes e Bernardo Soares desse angustiado e filosoficamente sensível (e simbolista na linguagem) Livro do Desassossego, ou o Álvaro de Campos da tão ironicamente crítica, comezinha e metafísica «Tabacaria». Mas escolho hoje, como exemplo, pelo seu tom ensimesmado, pela atmosfera íntima em que Lisboa é o fantasma de um fantasma, sombra perdida, espelho fracturado, o poema genialmente trabalhado como procura do eu e do(s) seu(s) duplo(s) *Lisbon Revisited* (1926):

Nada me prende a nada.

Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.

Anseio com uma angústia de fome de carne

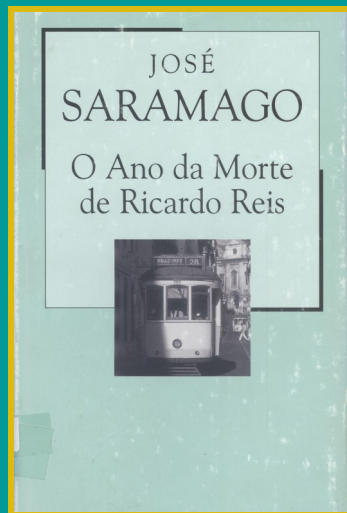
O que não sei que seja – Definitivamente pelo indefinido...

Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto

De quem dorme irrequieto, metade a sonhar. (pp. 178-179).

Rodrigues, Urbano Tavares. (2001). *O texto sobre o texto*. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda.

ConTextos

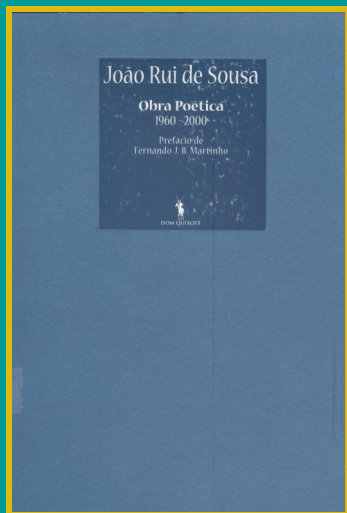


Cota: 812.134.3-31 SAR

ConTextos

Então bateram à porta. Ricardo Reis correu, foi abrir, já prontos os braços para recolher a lacrimosa mulher, afinal era Fernando Pessoa, Ah, é você, Esperava outra pessoa, Se sabe o que aconteceu, deve calcular que sim, creio ter-lhe dito um dia que a Lídia tinha um irmão na Marinha, Morreu, Morreu. Estavam no quarto, Fernando Pessoa sentado aos pés da cama, Ricardo Reis numa cadeira. Anoitecera por completo. Meia hora passou assim, ouviram-se as pancadas de um relógio no andar de cima, é estranho, pensou Ricardo reis, não me lembrava deste relógio, ou esqueci-me dele depois de o ter ouvido pela primeira vez. Fernando Pessoa tinha as mãos sobre os joelhos, os dedos entrelaçados, estava de cabeça baixa. Sem se mexer, disse, Vim cá para lhe dizer que não tornaremos a ver-nos, Porquê, O meu tempo chegou ao fim, lembra-se de eu lhe ter dito que só tinha para uns meses, Lembro-me, Pois é isso, acabaram-se. Ricardo reis subiu o nó da gravata, levantou-se, vestiu o casaco. (pp. 350-351).

Saramago, José. (2002). *O ano da morte de Ricardo Reis*. Porto: Público.



Cota: 812.134.3-1 SOU

O Mito

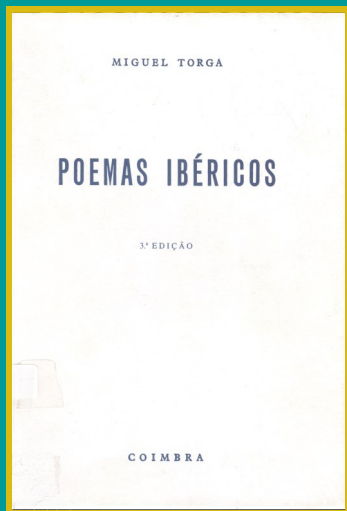
Quando deste nada é o fermento
De sossegar a alma – de apascentar
Rebanhos sobre plumas, nuvens de tristeza
Ou de alegria, leves ou pesadas –

E de seguir em frente (ovelhas e pastor)
Até ao por do sol em serranias calmas,
Em levitações de lumes e terrinas,
Em mãos que se aproximam, se entrelaçam?

Quando deste nada – desse círculo
De abelhas sempre lestras, encantadas
No recolher o mel em toques de veludo –

Se torna pendão e madrugada
Do ser em movimento pela estrada
Que o leva ao encontro do seu tudo? (pp. 379-380)

Sousa, João Rui de. (2002). *Obra poética 1906-2000*. Lisboa: D. Quixote.



Cota: 821.134.3-1 TOR

Fernando Pessoa

Oculto no seu corpo e no seu nome
(Aranha que negava a própria teia
Que tecia),
Poeta da Poesia
Sibilina e cauta,
Foi o vidente filho universal
Dum futuro-presente Portugal,
Outra vez trovador e argonauta. (p. 67)

Torga, Miguel. (1995). *Poemas Ibéricos* (3.^a ed.). Coimbra: Coimbra Editora.

ConText(s)

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário